

A man with dark hair and a beard, wearing a grey t-shirt and grey pants, is sitting on a rusted metal wall. He is looking down and to the left. The background is a dark, textured wall.

José Osório de Lima Filho

A MORTE SOCIAL DO INDIVÍDUO

A História nua e crua de
um esquizofrênico sofredor

paruna

© José Osório de Lima Filho, 2024.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução de partes ou do todo desta obra sem autorização expressa do autor, responsável pelos direitos de uso destas imagens. (art. 184 do Código Penal e Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 do Código Civil Brasileiro de 2002).

A Paruna segue o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa em vigor no Brasil desde 2009.

A aceitação das alterações textuais e de normalização bibliográfica sugeridas pelo revisor é uma decisão do autor.

Catálogo na Publicação (CIP)

L732 Lima Filho, José Osório.

A morte social do indivíduo – A História nua e crua de um esquizofrênico sofredor / José Osório de Lima Filho. Apodi, RN, 2024.
108 f.

ISBN: 978-65-85106-26-9

1. Esquizofrenia. 2. Saúde Mental. 3. Pacientes. 4. Lima Filho, José Osório - Biografia I. Título.

CDD 616.89820092

Capa, Editoração e Projeto Gráfico:

Candida Bitencourt Haesbaert

Revisão Ortográfica e Gramatical:

Luiz Carlos de Lucena Andrade



Paruna Editorial

Rua Lima Barreto, 29 – Vila Monumento

CEP: 01552-020 – São Paulo, SP

Fone: 11 98245-4224

www.paruna.com.br | [@parunaeditora](https://www.instagram.com/parunaeditora)

José Osório de Lima Filho

A MORTE SOCIAL DO INDIVÍDUO

A História nua e crua de um
esquizofrênico sofredor

paruna

Apodi-RN
2024

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Zé de Osório, à minha mãe, Maria e às minhas irmãs, Suely e Suelya, pela convivência desenvolvida ao longo do tempo.

Ao meu camarada Alex (o baiano), pela sua companhia no início da luta.

Aos professores William e Gladstone, por plantarem a semente e o sentido da sabedoria.

Ao professor Vanderlan, pela sua palavra amiga nas horas difíceis e por mostrar o gosto pela sabedoria.

À professora Anadja, pela aprendizagem proporcionada e a divisão de águas na minha vida intelectual.

A todas as pessoas, que direta ou indiretamente contribuíram para a minha existência.

A todos os parentes, que contribuíram direta ou indiretamente para a minha vida.

Ao camarada Lidivando, pela sua companhia num momento difícil da minha passagem pela Terra.

A todos os professores, que solidificaram o meu aprender a aprender.

Ao doutor Chico Zé, por estar presente nos momentos mais difíceis da minha vida.

Ao Policial, Paulo Filho, por me ajudar no momento obscuro da minha existência.

Ao Professor Segundo, por plantar o gosto de estudar história no meu ser.

À minha filha Lara Maria, por me dar muito amor e ressignificar minha vida totalmente.

À Aldineide, minha ex-noiva, por realizar meu sonho de ser pai.

À polícia militar de Apodi-RN, pelo tratamento humanizado para comigo, durante um surto psicótico.

À minha família paterna e materna, por me ajudar na travessia da doença psíquica, até o quadro de estabilidade por doze anos.

Aos meus psiquiatras, José Hélio e Micheline Abrantes, por encontrarem um esquema medicamentoso que estabilizou minha saúde mental.

Aos meus dois sensei, isto é, Lindogênio e Felício, bem como, ao mestre Marcos Patriota, por proporcionarem as ferramentas pelas quais, eu realizei o sonho de ser Faixa Preta de Karatê.

Ao meu amigo Bruno Duarte, pela amizade sincera desenvolvida nas nossas vivências ao longo desses 13 anos.

E, sobretudo, a Deus, por me dar sabedoria e inteligência para enfrentar os desafios.

PREFÁCIO

Conheci Osório entre consultas e grupos terapêuticos no CAPS de Apodi-RN. Eloquente, participativo, questionador, sempre disponível a ajudar... e carregando uma história que precisamos conhecer.

Neste livro, ele descreve os caminhos e apuros percorridos e sofridos em sua vida, da infância à adultície, do filho da zona rural de Apodi, do adolescente e suas descobertas ao adulto: pai, professor, cidadão.

“Devemos não somente nos defender, mas também nos afirmar, e nos afirmar não somente enquanto identidades, mas enquanto força criativa” – Disse Foucault. Osório impôs à sua vida a sua força criativa! Afirmou-se como o que quis ser, sem jamais desistir dos planos que traçou quando menino; um persistente na busca por conhecimentos, sempre fazendo destes a grande chance para a sua liberdade.

Conhecedor do diagnóstico que o acompanhou desde a adolescência, explorou enciclopédias, especialistas e pensadores. Percorreu as fontes provedoras da sociologia, da filosofia e da História; mergulhou nas correntes da psicopatologia e discutiu as mais diversas formas de tratamento para tão somente viver a vida de forma mais plena.

Fez-nos tantas vezes orgulhosos, equipe CAPS e família, diante de sua poesia e das diversas aprovações em concursos. Tantas vezes encantados e refle-

xivos diante de suas palavras nas rodas de conversas. Tantas outras vezes felizes pelas suas conquistas: as fotos de sua filha ainda nos encham os olhos e provocam nossa melhor ternura no grupo de *WhatsApp*. Suas vivências e memórias, mais suas Histórias aprendidas e vividas ainda nos encham de esperança e impulsionam os nossos fazeres todos os dias.

Como é bonito conviver com a construção de sua autonomia, acompanhá-lo no seu processo criativo após ter passado por momentos tão dolorosos de privação de liberdade! Este livro sinaliza a capacidade e perspectiva de mais altos voos, carregando consigo as mudanças e transformações que nada têm a ver com rótulos de “normalidade” que nascem da coragem, do amor e da fé, porque “é necessário se espantar, se indignar e se contagiar, no ouvir é possível mudar a realidade”. Nice.

Apodi, RN 11 de Setembro de 2023.

Maria Micheline de Abrantes

Psiquiatra

CRM/RN 4103

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – O TRAUMA DOS MEUS 4 ANOS DE IDADE	11
CAPÍTULO 2 – UMA APOSTA QUE MARCOU OS MEUS 10 ANOS DE IDADE	13
CAPÍTULO 3 – A QUEIMADA DO BROQUE QUE DEIXOU CICATRIZES NOS MEUS 13 ANOS DE IDADE	17
CAPÍTULO 4 – O MEU INGRESSO NO SEGUNDO GRAU	21
CAPÍTULO 5 – A TRAIÇÃO SOFRIDA AOS DEZESSEIS ANOS	23
CAPÍTULO 6 – A FESTA DE VAQUEJADA EM 1999	26
CAPÍTULO 7 – A DEPRESSÃO ME ASSOLOU AOS 19 ANOS	29
CAPÍTULO 8 – A MINHA PASSAGEM PELO HOSPÍCIO DE CAICÓ-RN	37
CAPÍTULO 9 – A MINHA INTERNAÇÃO NO HOSPITAL PSIQUIÁTRICO DE NATAL	41
CAPÍTULO 10 – A MINHA PRIMEIRA INTERNAÇÃO NO SÃO CAMILO DE MOSSORÓ, EM 2008	51
CAPÍTULO 11 – O MEU SEGUNDO E ÚLTIMO INTERNAMENTO NO SÃO CAMILO DE LÉLIS, NA CIDADE DE MOSSORÓ, EM 2012	69

O TRAUMA DOS MEUS 4 ANOS DE IDADE

Em 1986 eu tinha 4 anos de idade e presenciei uma discussão do vizinho com meu pai. O fato era que meu pai tinha comprado um minifúndio e feito escritura particular da terra (Chácara Nova Vida). Todavia, o confinante da esquerda queria tomar-lhe alguns palmos de terra. Assim, a comunidade ficou do lado do procurador de confusão, inclusive o coronel do Sítio Córrego apoiava o dito cujo. O supracitado coronel tinha muita influência política com os “caciques políticos” da cidade e do estado do RN. Com isso, a questão foi parar na justiça, mas o delegado se vendeu ao “noventento”, uma vez que havia uma amizade recíproca e antiga entre ambos. Porém, a minha mãe, que era professora e sabia dos direitos do esposo, começou a lutar, conjuntamente, com o meu pai, pela preservação da nossa terra e integridade da nossa casa. Entretanto, o briguento queria que a nossa casa fosse derrubada para que ele pudesse se apropriar de alguns palmos de terra.

Com o passar do tempo, a situação foi ficando difícil, pois meu pai era analfabeto e só tinha minha mãe por ele. Todavia, meu pai tinha coragem e valentia, assim como Lampião. Para tanto, ele andava

armado com um revólver calibre 38 cheio de balas e uma faca de catorze polegadas, sem falar que era um exímio atirador. Com isso, os adversários o temiam. Apesar disso, ele vendeu o gado e fez uma poupança no Banco do Brasil para ser usada caso ele fosse assassinado e não matasse pelo menos dois dos malfeitores. Sendo assim, se papai não matasse ninguém – numa hipotética troca de tiros – o dinheiro deveria ser utilizado para contratar um pistoleiro para vingar a morte dele.

O conflito durou anos, até que uma promotora de Mossoró veio medir as terras e disse que a pessoa que estava com a razão era meu pai. Contudo, eu nunca esqueci aquela tarde que o vizinho chamou meu pai para trocar balas e se esfaquearem. Para mim, foi terrível ver meu pai indo ao encontro do dito cujo, apesar de ele estar com um revólver calibre 38 e a faca de quatorze polegadas na cintura. Com isso eu, com apenas 4 anos de idade, fui para o canto da sala chorar. Porém, o vizinho era frouxo e não veio ao encontro do meu pai. Desta forma, não ocorreram mortes. Apesar disso fiquei traumatizado com 4 anos de idade. Fato esse que foi descoberto por minha psicóloga durante uma sessão de anamnese, em 2002.

UMA APOSTA QUE MARCOU OS MEUS 10 ANOS DE IDADE

Em 1993, eu tinha 10 anos de idade e iria completar 11 ainda naquele ano. Mas aconteceu um fato que marcaria a minha passagem pelo Ginásio (da 5ª série à 8ª série). Em certa ocasião, uma professora escreveu um conteúdo no quadro verde, com o giz, e pediu-nos que copiássemos o assunto. Na época, eu tinha amizade com um rapaz chamado Cidadão e o chamei para apostar mil picolés, afirmando que eu terminaria o dever primeiro do que ele. Mas, tive o cuidado de ir olhar quantas linhas faltavam para ele terminar e percebi que faltavam algumas linhas, enquanto, para mim, faltavam algumas palavras. Porém, Cidadão trapaceou escrevendo a última palavra do dever e disse que tinha terminado primeiro do que eu. Então, eu disse que aquilo era “apenas uma brincadeira”, mas ele ficou falando que eu não tinha palavra de homem e, claro, fiquei muito magoado com ele. Comecei a imaginar que todos os colegas estavam caçoando de mim. É importante frisar que mil picolés, naquele tempo, custavam R\$100,00 (cem reais) e o salário que minha mãe ganhava como professora municipal era de apenas

R\$15,00 (quinze reais). Aliás, a prefeitura não pagava o salário mínimo aos professores naquele tempo. Com isso, eu fiquei aperreado com a situação, já que ele contava o fato a todos os colegas e zombava de mim. O Cidadão era um rapaz (juntamente com a turma toda) fora de faixa etária, visto que a 5ª série deveria ser feita aos 10 anos e, como a escola me colocou na “5ª série C”, eu fiquei com rapazes e moças, mesmo sendo uma criança inocente. Assim sendo, não é difícil entender que eu sofri *bullying* e me tornei introspectivo e desinteressado pela escola e pelo os estudos. Porém, não tinha coragem de falar para os meus pais e isso me assolou muito, uma vez que antes eu era interessado e estudioso, mas depois do fato ocorrido, me tornei um aluno casmurro e só passava à base da “cola”. Lembro-me de que eu tinha uma régua amarelo-queimada na qual eu escrevia com lápis comum, no verso dela, o que eu achava que cairia na prova. E dava certo. Assim, eu fazia as provas “pesquisadas”. Os professores não desconfiavam que naquela régua, aparentemente tão insignificante, estavam os conteúdos que eu pensava que poderiam cair nas provas e trabalhos. Assim sendo, passei pela 5ª, 6ª e 7ª séries traumatizado e colando muito. Logo, eu era muito sério e fechado, ou seja, eu era isolado. Mas o mais grave foi o fato de ter pensado em suicídio com 10 anos de idade, por causa da falsa aposta com o colega. Lembro-me de que eu olhava para a espingarda calibre 40 de meu pai, assim como para o revólver calibre 38 e pensava em dar um tiro no meu coração e acabar com aquele

sofrimento por não ter pago os mil picolés ao manipulador dos fatos. A sensação era horrível! Eu me sentia um lixo. Porque, para mim, o homem tinha que ter “palavra de homem”. Desse modo, o Cidadão me manipulou de forma colossal, até que me libertei do trauma sozinho e com ajuda dos “santos”. Na 8ª série me tornei estudioso, apesar de ainda usar da “cola” às vezes. É indispensável dizer que minha irmã mais velha fazia meus trabalhos em casa sob a ordem do meu pai, pois eu havia me tornado preguiçoso e desinteressado depois da distorção dos fatos feita pelo Cidadão sobre a maldita aposta.

A QUEIMADA DO BROQUE QUE DEIXOU CICATRIZES NOS MEUS 13 ANOS DE IDADE

No ano de 1995, eu tinha 13 anos e estava em férias escolares. No sítio que eu morava, havia o costume de fazer a queimada dos matos antes do inverno. Assim a terra era preparada para o futuro plantio no verão. Para nós, do semiárido brasileiro, só existem essas duas estações de forma intensa. Embora a Geografia demonstre empiricamente e cientificamente que há quatro estações de ano no Planeta Terra. Então, numa noite de lua cheia, os colegas me chamaram para ir assistir à queimada do broque. Eu fui a contragosto do meu pai.

O interessante é que eu vesti uma bermuda Jeans para ir em uma viagem de mais de 6 km, mas depois voltei para casa e coloquei um calção velho, para não sujar a bermuda sofisticada. Maldita atitude! Com isso, fomos para a viagem. No grupo havia adultos e um conjunto de adolescentes da minha faixa etária. Além disso, haviam crianças. Durante o percurso conversávamos sobre futebol e meninas e achávamos graça daquela aventura. Eu nunca tinha andado

no mato à noite. Mas foi por curiosidade que fui ver a queima do mato. Todavia, um fato inóspito aconteceu, ou seja, um adulto teve a atitude desagradável de levar cachaça para o evento. Diante disso, nós, adolescentes e inocentes, começamos a pedir para beber e ele nos dava. Então eu fiquei ébrio e deitei no chão e dormi. Quando acordei desorientado, me deparei com uma criança de 8 anos que pulava em cima de mim, especificamente sobre as minhas nádegas e já havia abaixado a bermuda velha de elástico.

No mesmo instante, eu me levantei, empurrei o menino e disse que ia matá-lo. Porém, os falsos colegas não deixaram e disseram que era apenas uma brincadeira. Apesar disso, os falsos amigos começaram a fazer chacota, isto é, dizendo que o menino tinha “comido meu o ânus”. Então, eu voltei para casa com o grupo de salafrários, muito triste e jurando que mataria o menino. Quando cheguei em casa, já era tarde e meus pais e irmãs já se encontravam nos aposentos para dormir. Com isso, não falei nada, mas fiquei chorando na rede e quase não consegui dormir. No outro dia, eu falei o que tinha acontecido comigo e meu pai disse que iria tomar satisfação com o elemento que me deu aguardente. Na verdade, eu não sei se ele falou ou não. No entanto, o indivíduo deixou de falar comigo.

Portanto, eu deduzo que ele deve ter levado uns “carões” do meu pai. Assim sendo, passei uma semana chorando a minha hipotética desonra. Embora a minha família dissesse que tinha sido apenas uma

brincadeira do menino para comigo. Entretanto, eu considerava aquela situação como algo muito sério. Assim, olhava para o revólver calibre 38 e dizia para mim e para os falsos colegas que mataria o menino. Todavia, o irmão mais velho do menino conversava comigo e dizia que ele não tinha praticado o ato e tudo foi apenas uma brincadeira. Dessa maneira, como eu recebia muita ajuda para aguar as plantas do sítio onde morava, (mediante o exercício de puxar água da cacimba numa lata para poder dar água as árvores frutíferas), por esse irmão do menino travesso, ele me tranquilizou e, por fim, convenceu-me de que não havia ocorrido nada de imoral.

O MEU INGRESSO NO SEGUNDO GRAU

No ano de 1997, eu iniciei o Científico com 15 anos de idade. Na época, a Escola ofertava os cursos de Magistério e Auxiliar de Escritório também. Todavia, eu queria me preparar para o vestibular. O complicado foi o fato de que passei o meu Ginásio nessa escola e, no Científico, praticamente eu não tinha colegas, conhecidos e muito menos amigos, a princípio. Uma vez que eles eram oriundos de outras escolas que só ofereciam o Ginásio. Além disso, a maioria tinha estudado junto o Ginásio todo, ou seja, cada um já tinha seu “grupo formado”. Naquele tempo, eu era muito sisudo e acabrunhado. No entanto, consegui fazer amizades com alguns rapazes e algumas moças que não faziam parte das “tribos”.

Com o passar do tempo, me relacionei com alguns das “tribos”. Porém, o fato marcante dessa história ocorreu no início do ano, quando uma professora durona, de Geografia, aplicou o levantamento dos conhecimentos prévios na sua primeira aula. Isto é, ela pediu para nós alunos explicarmos o que era Capitalismo e o que significava o Socialismo. Eu lembro de que isso aconteceu depois do intervalo, na parte da tarde, ou seja, nas duas últimas aulas.

E, por incrível que pareça, eu me atrasei porque estava lanchando no quiosque da escola. Então, quando eu fiquei sabendo do teste surpresa não entrei na sala de aula porque eu não sabia o que era Capitalismo e muito menos o que era Socialismo. Desse modo, “fiquei de bobeira” na escola e, quando os alunos e alunas responderam o teste da professora e foram embora com a educadora, eu entrei na sala de aula, peguei o meu caderno e fui embora muito triste, já que não tinha feito o dever por não saber. Com isso, fui para casa no carro dos estudantes, muito introspectivo. Cheguei em casa calado e não falei nada para ninguém. Todavia me bateu uma tristeza e uma incontrolável vontade de deixar de estudar.

Por conseguinte, falei para meu pai que não queria mais estudar. Ele era agricultor e disse que eu pensasse bem antes de tomar aquela decisão, pois, se eu não fosse estudar mais, eu iria trabalhar na agricultura com ele. Então eu fui deixando o tempo passar até que desapareceu aquela ideia de deixar a escola. Para tanto, o fator decisivo foi o fato de que a agricultura era um trabalho muito pesado e no sol quente. Dessa forma, apesar de ter passado algumas semanas triste por não estar no nível da turma que eu estava, acabei sendo resiliente e deixando a vida me levar de forma inconsciente.

A TRAIÇÃO SOFRIDA AOS DEZESSEIS ANOS

No início de 1999, eu tinha 16 anos e iria completar dezessete em julho. Na época, eu estava cursando o terceiro ano do Curso Científico e era um dos melhores alunos da sala em todas as disciplinas. Inclusive eu dava muita “cola” a diversos colegas e tinha desenvolvido o hábito de estudar 5 horas por dia todas as disciplinas e de ler muitos livros de literatura brasileira, especificamente os clássicos. Então, comecei a namorar com uma morena muito virtuosa. Tanto eu quanto ela éramos virgens. Mas, surgiu uma loira encantadora e eu me apaixonei. Dessa forma, cheguei junto da morena e disse que não queria traí-la e que, por isso, estava terminando o namoro, porque estava gostando de outra moça. Lembro-me de que ela ficou arrasada com minha sinceridade e atitude. O fato é que eu gostava dela, mas essa loira roubou meu coração de uma forma avassaladora e eu fui movido pela paixão e não pela razão.

Iniciei o namoro com a galega. Ela demonstrava estar apaixonada por mim e eu estava louco por ela. A referida jovem era radialista e toda noite mandava um alô para mim na rádio, dizendo que me amava muito. Eu morava na zona rural e ela na cidade, assim, a gente namorava no intervalo da escola. Como eu era romântico, sempre comprava pirulitos

do coração no quiosque da escola e levava para nós chuparmos e nos beijarmos muito atrás da secretaria da escola, um local muito bom para namorar. Então, o namoro foi fluído. Eu andava na casa dela no sábado à noite, pois era o dia que eu vinha de bicicleta para cidade e ia estudar espanhol no cursinho. Ela, às vezes, ia me visitar no sítio, conduzindo a moto do pai. E era aquela diversão. Eu não possuía moto por opção, já que meu pai, depois que saiu de uma firma que prestava serviço à Petrobrás, me ofereceu uma moto nova. Contudo, eu disse a ele que não queria porque preferia me dedicar aos estudos em vez de ir para os bares beber e correr de moto. Além do mais, eu disse a ele que era melhor usar o dinheiro para fazer a reforma na nossa casa.

O namoro foi se desenvolvendo. Porém, como já mencionado, eu era virgem e sequer tentava transar com ela, apesar de ter ocorrido oportunidade numa festa à noite. Entretanto, eu queria casar virgem e com uma moça virgem também. Isso era fruto dos ensinamentos da Igreja Católica e da família, na década dos anos 1990, do século XX. Lembro-me de que, numa tarde, uma amiga da minha namorada me procurou e disse que eu não merecia o que estava acontecendo. Isto é, ela estava me traindo com o cantor que tinha tirado a virgindade dela. Esse relato aconteceu na escola em que nós estudávamos. A amiga dela me pediu segredo e falou que estava me contando aquilo porque eu era um jovem justo e honesto e não merecia aquilo que estava acontecendo.

Com isso, o namoro foi terminado, apesar do meu grande sofrimento e tristeza pela perda da mulher que eu queria me casar aos dezesseis anos de idade. Por fim, é importante ressaltar que meu pai me orientou a não querer mais a loira, pois ele sabia que meu coração queria perdoá-la. Contudo, ele disse para mim que “quem faz um cesto, faz cento e , tendo cipó e tempo, faz duzentos”. Portanto, eu deveria me conformar e seguir a vida.

A FESTA DE VAQUEJADA EM 1999

Eu tinha 17 anos e fui para minha primeira festa de vaquejada em Apodi-RN. Na ocasião, estava com os meus primos paternos e minha irmã. Logo eu estava sendo consumido pela ansiedade e pela dúvida de ter sido aprovado (ou não), no exame de seleção do CEFET de Mossoró para o curso de eletromecânica (o resultado não tinha sido divulgado). Além disso, minha namorada loira não tinha ido para o sábado de vaquejada e eu, revoltado com ela, acabei namorando uma morena; fato esse que ela ficou sabendo não sei como. Melhor dizendo, os fofoqueiros e as fofoqueiras relataram para ela que no sábado eu tinha ficado com uma gatinha. Lembro-me de que quando chegamos à festa, por volta das 17 horas, comecei a beber para “afogar as mágoas”. Assim, bebi cerveja, cachaça, uísque, Dreher, Montilla etc. Por conseguinte, fiquei ébrio, inconsciente e com amnésia alcoólica. Então, não sabia o que estava fazendo na festa. Diante desse contexto, fiquei na diversão praticando atos abomináveis que me foram relatados, posteriormente, por um primo materno. Ele me disse que tinha um casal na festa cuja mulher era muito bonita e eu, em consequência da embriaguez,

tinha apalpado os seios e pegado no órgão genital da senhora. Assim, o companheiro dela queria me açoitar, mas meus primos que estavam presentes fizeram um cordão de isolamento e evitaram que ele me matasse. Para tanto, é importante frisar que só fiquei sabendo desses fatos um tempo depois da festa. Além do mais, me relataram que minha namorada loira foi para o domingo de vaquejada e que eu me humilhei muito para ela me querer, mas eu não lembrava de nada. Assim, quando eu fui para a escola, na semana seguinte, os meus colegas da escola disseram que eu tinha “botado boneco na festa”. Isto é, bebi muito, pulei muito, além dos fatos já citados. De tal modo, fiquei com uma ressaca moral muito grande na sociedade apodiense e, desde aquele dia, eu percebi que eu não sabia beber. Por conseguinte, quando fui às festas posteriores, só bebia 5 cervejas em latinhas durante a noite toda. Com isso, tomei um “chá de vergonha na cara” e nunca mais fiquei embriagado. Por conseguinte, ia às festas esporadicamente. Contudo, posso dizer que fiquei muito decepcionado comigo mesmo por causa dos fatos relatados e dos meus instintos primitivos que foram aflorados na festa citada.

A DEPRESSÃO ME ASSOLOU AOS 19 ANOS

Em 2002, eu tinha 19 anos e fazia o 5º período do curso de História na UERN, em Mossoró-RN. Era um dos melhores alunos, no que diz respeito a notas. Na época, eu estudava 14 horas por dia. Eu devorava livros de História, Geografia, Filosofia, Sociologia, Literatura, Física, Química, Economia, Teologia, Português etc. Lembro-me de que participava dos eventos das Faculdades de Direito, Matemática, Serviço Social, Economia, Filosofia, Ciências Sociais, Pedagogia, Educação Física e outras. Para fechar esse raciocínio, eu digo que li até artigo científico do químico Lavoisier. Sem falar que fui voluntário de uma pesquisa do curso de Ciências Sociais sobre gênero e sexualidade.

Dessa forma, pretendia abraçar as Ciências Humanas, as Ciências Naturais, a Matemática, a Linguagem e objetivava ser poliglota – uma missão muito pretensiosa para um jovem com apenas 19 anos de idade. Destarte, eu vivia isolado da sociedade e mal falava com a minha família, ou seja, era um sujeito bastante “fechado”. Diante disso, posso dizer que não tinha amigos de verdade, apesar de me relacionar superficialmente com os colegas da faculdade

de História, que moravam na Casa do Estudante de Mossoró-RN. Nessa época, aos 19 anos de idade, eu ainda era virgem e não tinha namorada, pois só queria saber de livros. Mas é preciso registrar que cheguei a ficar com algumas moças, me limitava apenas a beijos, sarros e falar de conhecimento.

Diante desse contexto, ocorreu-me um fato interessante... Eu cheguei da faculdade de Mossoró e estava acontecendo uma festa na Praça da Igreja Católica de Apodi, então uma moça chegou para mim e disse que a amiga dela queria ficar comigo. Diante dessa situação eu disse sim, já que a moça era muito bonita. Fui ao encontro da supracitada jovem e, em seguida ofereci-me para deixá-la em casa, uma vez que era tarde da noite. Lembro-me de que passei mais de uma hora falando de conhecimento para ela e, só depois procurei beijar e “sarrar” com ela. Ela estava estudando para o vestibular e eu achei que a jovem demonstrava interesse na nossa conversa, mas me enganei, pois quando a procurei para namorar sério, a moça não quis.

Outro episódio que merece ser narrado é que algumas amigas da minha irmã caçula sempre me assediavam, isto é, quando eu estava estudando na minha mesa de estudos, elas chegavam puxando conversa, mas eu dava pouca atenção para elas, com exceção de uma, que eu cheguei a beijar, sarrar e “vomitar conhecimento” para ela. Na época, eu não queria namorar por não querer perder tempo e vivia com a concepção filosófica do filósofo árabe Avic-

na, ou seja, "dormir era perder tempo". Essa visão dele era medieval, mas eu me inspirava nele para estudar as 14 horas por dia. Acredito ser importante frisar que eu queria ser professor de História porque gostava muito e, também, porque seria a forma de trabalhar para mim e de ter a minha independência financeira. Todavia, o meu grande sonho era ser juiz de Direito, visto que eu tinha um senso de justiça muito grande e também por causa do conflito agrário com o minifúndio de meu pai, quando eu tinha 4 anos de idade, em 1986, na zona rural do Sítio Córrego.

Nesse cenário, o materialismo me atingiu gravemente e tornei-me *ateu*. Eu era Católico Apostólico Romano, mas a Universidade e os filósofos me levaram para o caminho do ateísmo, agnosticismo, ceticismo e deísmo, como forma de ver o mundo. Isso tudo abalou as minhas estruturas psicológicas, uma vez que deixei de acreditar em Deus. Depois fiquei neutro, ou seja, não dizia que Deus existia ou não, logo após, eu deixei de acreditar em tudo e, por fim, me identifiquei com o deísmo dos iluministas, visto que estes diziam que Deus tinha criado o universo e o homem, mas aqui na terra quem tomava as decisões éramos nós.

Isto posto, posso afirmar que essas concepções de Deus e da vida oscilavam bastante nos dois primeiros anos da faculdade de História. Com isso, as crises existenciais me atingiam com muita frequência e, conseqüentemente, a depressão aflorou na minha vida e eu abandonei a faculdade. Em vista disso, eu

tranquei o curso de forma compulsória. Além disso, é importante salientar que o fato que mais marcou o meu psicológico era a minha visão sobre a hipocrisia dos seres humanos. Nessa época, eu achava que todos os seres humanos eram falsos e cínicos e, como eu era super sincero, não queria mais viver nesse mundo. Por conseguinte, pratiquei o ato da tentativa de suicídio com 90 comprimidos sendo ingeridos de uma vez só. Todavia, eu tinha uma namorada que gostava muito de mim – foi com ela que perdi a minha virgindade aos 19 anos de idade. A namorada e a minha família me perturbaram até que eu abri a porta do banheiro, local que eu pratiquei o ato de desamor para comigo e crime contra Deus.

Além do mais, é fundamental falar que na ocasião eu acreditava que depois da morte não existia nada, isto é, a vida para mim era encerrada com a morte do corpo humano e a decomposição pelos fungos e bactérias. Destarte, logo após o fatídico ato da tentativa de suicídio, me levaram para o hospital e fizeram uma lavagem estomacal com água morna. Isso foi feito pelo clínico geral do hospital de Apodi-RN. Além disso, é necessário destacar que eu me inspirei em Getúlio Vargas e fiz uma carta de desabafo falando sobre a minha visão de mundo e do ser humano. Lembro-me de que a ideia central era a hipocrisia dos seres humanos na terra. Mas é necessário falar (ainda) que durante a depressão e antes da tentativa de suicídio, eu conheci uma galera nos jogos do baralho, especificamente, o pife e a sueca.

Uma mulher se apaixonou por mim, ela era mãe de uma garota linda, só que a minha família tinha preconceito com ela, pelo fato dela ser mãe solteira. Contudo, não podemos deixar de descrever aquela noite de lua cheia, na qual, a minha namorada disse que ia se entregar para mim, depois que eu insisti muito. A princípio, ela não queria, pois segundo ela, a nossa primeira vez deveria ser num local especial. Mas como eu estava ansioso, consegui convencê-la a transar comigo naquela noite de lua cheia e com um muro cheio de plantas com flores. Tendo-a convencido, pus uma camisinha e transamos de forma intensa. Mas eu não consegui sentir orgasmo, infelizmente. Contudo, é importante dizer que o ato sexual antecedeu a tentativa de suicídio. Mesmo assim, o vazio existencial não foi compensado com o sexo, uma vez que eu estava tomando remédios passados pelo psiquiatra e fazendo terapia com a psicóloga e não estava logrando êxito no tratamento.

A minha família me levou para muitos curadores objetivando a cura de uma suposta "macumba". Desse modo, eu deixei a vida me levar, no sentido de fazer terapia com a psicóloga, tratamento com o psiquiatra, hidrogenástica com o educador físico, sessões de descarrego com os curadores e uma busca interior com muitos livros. Nesse sentido, me lembro das obras: *Semente da Vitória*, de Nuno Cobra; *Os Miseráveis*, de Victor Hugo; e *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe. Mas, o que me mais me marcou psicologicamente foi o livro: *Não diga sim, quando quer dizer não*, de Herbert Fensterheim e Jean Baer.

Esse livro explicava como os seres humanos se relacionavam na sociedade, assim como os diferentes níveis de proximidade nas relações sociais dos sujeitos. Tais livros me iluminaram em minha busca interior e eu voltei a viver em sociedade depois de passar meses isolado dentro de casa, com a ideia fixa de morar sozinho. Contudo, pedimos paciência ao leitor para o tamanho gigante da crônica, visto que, a depressão foi um divisor de águas na minha vida e precisa ser bem explicada. Com isso, se faz necessário dizer que, apesar de ter voltado para uma vida em sociedade e para a Universidade como uma pessoa supostamente normal, eu continuava afastado dos estudos formais daquela instituição de ensino superior. Assim, eu assistia a palestras na FAFIC (Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais) e fazia resenhas de livros para ajudar um colega com problemas financeiros. Nesse sentido, é notório dizer que fiz a resenha do livro: *A Era do Globalismo*, de Octávio Ianni para um colega. Na ocasião, ele recebeu R\$20,00 (vinte reais) de uma estudante do 8º período do curso de História e o mesmo ficou muito feliz já que, R\$20,00 (vinte reais), em 2002, era um valor expressivo. A acadêmica obteve nota dez pela resenha, mesmo sendo avaliada pelo professor carasco do curso de História – o docente era novato.

Um fato que me deixou chateado, foi que eu entreguei a resenha original e fiquei sem nenhuma cópia para arquivar e depois eles não me entregaram. Lembro-me de que transformei o clássico,

em 7 laudas. Além disso, me tornei voluntário de uma pesquisa de Química e Filosofia de forma formal, durante um tempo. Por assim dizer, estudei muito essas duas áreas do conhecimento com os doutores responsáveis e um aluno de Química. Mas a minha paixão pelo movimento estudantil me fez titubear na pesquisa que culminou com a consagração de Lavoisier como pai da Química. Dessa forma, o professor de Química me deixou como voluntário informal e eu abandonei a pesquisa.

Nessa época, eu morava na Casa do Estudante de Mossoró e fazia atividade física de correr ao redor do SESC, às tardezinhos. Mas, como eu estudava muito, acabei desenvolvendo um cansaço mental. Certa vez, um colega do curso de História me pediu para resenhar alguns capítulos do livro: *Linhagens do Estado Absolutista*, de Peurry Anderson. Com isso, me dediquei a essa nova missão para ajudar o colega que alegava não ter tempo, mas no fundo era preguiça! Então comecei a ler aquele clássico super difícil e a resumir em forma de resenha. Assim, o estresse chegou ao limite e eu comecei a ter delírio e alucinações. Por consequência, não consegui concluir a empreitada que o indolente tinha me pedido e fui parar no Hospício de Caicó, onde fiquei internado por 15 dias, haja vista que combinei com o psiquiatra o tempo que ia ficar no hospital psiquiátrico, ou seja, perguntei se ele tinha palavra de homem e ele disse que tinha, então quando completou os quinze dias, eu solicitei alta do hospital e ele cumpriu com a palavra.

Embora a minha mãe tenha me dito que o médico falou para ela que meus pais só deveriam ter ido me buscar com 90 dias. Lembro-me que tomava Amplictil, haloperidol e akineton e fui diagnosticado como bipolar. Isso tudo aconteceu no final de 2002. Então, cheguei em casa e segui sendo medicado pelos remédios supracitados. Mas, uma amiga de mamãe a aconselhou a me internar no Hospício de Natal. Com isso, apesar do tratamento estar surtindo efeito, mesmo eu querendo andar nas ruas direto com a companhia dos meus pais, uma vez que eles não confiavam na minha caminhada solitária, visto que eu acreditava que era a reencarnação de Jesus e pregava a pedagogia do amor e a revolução comunista para as pessoas na rua. Dessa forma, minha família me internou no setor público do hospital mencionado acima. Diante do contexto, o psiquiatra de Natal me avaliou e manteve a medicação do colega, com a ressalva de que eu iria ficar tomando uma injeção de Priortil. Contudo, passei 14 dias no setor público e 30 dias no setor particular. Uma vez que um conhecido da Petrobrás pagou mil reais, no começo de 2003, para eu ficar no setor particular, haja vista que o setor público era uma pocilga.

A MINHA PASSAGEM PELO HOSPÍCIO DE CAICÓ-RN

No final de 2002, eu tinha 19 anos e tive um surto psicótico em Apodi-RN. Lembro-me de que passei 18 dias sem dormir e andando a pé pelas ruas da cidade, no pingo do meio dia, pregando o evangelho de Jesus. Meu pai e minha mãe se reverzavam para andar comigo. Na ocasião, eu tinha uma energia muito grande e queria correr a Maratona de São Silvestre. Para tanto, fazia meses que eu corria todos os dias, uns 6 km, e tinha também uma força colossal. Na época, eu fugia da realidade e achava que era a reencarnação de Jesus e iria lutar conta a "Besta-fera no Juízo Final". Então, minha família me levou para um psiquiatra famoso em Caicó-RN e, lá no consultório, antes de ser atendido, imitei todos os animais que conhecia com os seus respectivos sons. Além de observar as formas geométricas, os símbolos, as siglas e os nomes como mensagens subliminares. Assim, o "mão salvadora", forma pela qual eu designava o médico, me internou. Com isso, eu passei 15 dias no hospital psiquiátrico.

Chegando lá, eu conversei com a psicóloga e solicitei a ela *A República de Platão* e *A Política de*

Aristóteles. Pois, segundo minha concepção paranoica, esses autores eram as raízes da minha família e depois que eu lesse esses livros deles, iria realizar o Juízo Final e julgar os justos e os ímpios. Assim, nas minhas alucinações, eu era o enviado para julgar a terra. Diante de todo esse contexto, o meu cotidiano no hospício de Caicó foi se desenrolando como um “líder dos loucos”, uma vez que eu exercia uma liderança sobre eles. Através da minha verbosidade, eu conseguia convencer-lhes a jogarem futebol no campo de areia, ler a Bíblia, brincar com sinuca, pintar as figuras com a terapeuta ocupacional e dançar forró das antigas. Além disso, conversava muito com os colegas sobre assuntos paranoicos, tais como: a nossa autoidentificação como um ser divino na terra, em preparação para o Juízo Final.

Desse modo, podemos concluir que as patologias mentais que nos assolavam tinha essa característica de sermos enviados do Altíssimo. Por isso, nos sentíamos especiais e não loucos. Para tanto, é necessário dizer que tomávamos muitos remédios durante o dia e a noite. Logo, para nós, eram pílulas especiais para fortalecer os guerreiros para a luta do Apocalipse. Assim, éramos conformados com a nossa estadia. Embora, os banheiros fossem uma pocilga, eu era sagaz e usava o banheiro dos recém chegados ao hospício, que eram melhores. Com isso, apesar dos pesares, nos alimentávamos bem, apesar de bebermos água na torneira da pia, ou seja, não tínhamos acesso a água filtrada. Conforme os dias

iam passando, as medicações estavam me deixando sem forças, sem falar que, finalmente eu consegui dormir. Convém mencionar que nós assistíamos à televisão em grupos. Mas um fato interessante era que todos os pacientes, inclusive eu, éramos valentes. Por isso, tinha um policial militar para colocar ordem no hospital psiquiátrico. Contudo, é indispensável dizer que usávamos roupas velhas, no sistema de rodízio. Por assim dizer, foram 15 dias intensos nos quais eu vivi fora da realidade concreta, assim como os meus colegas de hospício.

Por fim, o médico me deu alta com 15 dias, conforme ele tinha me dado a palavra de homem. Além disso, eu tinha um “amigo chegado”, pois fazíamos várias coisas juntos, tais como: merendar, almoçar e jantar, além de rezar na capelinha, dentre outras. Portanto, para mim, foi uma diversão, visto que eu pensava que era um guerreiro de Deus, embora sentisse falta da minha família, às vezes. Para finalizar, vou relatar o que mais me traumatizou, isto é, minha memória de elefante foi apagada pelo surto psicótico conjuntamente com os remédios. Mas, nesse momento passado, o meu diagnóstico era transtorno bipolar. Assim sendo, posso dizer que aquela passagem pelo hospício de Caicó, foi apenas o começo do meu suplício como doente mental.

A MINHA INTERNAÇÃO NO HOSPITAL PSIQUIÁTRICO DE NATAL

No começo do ano de 2003, eu tinha 20 anos de idade e havia recebido alta do hospício de Caicó. Mas, uma amiga de mamãe colocou na cabeça dela que eu deveria ser internado novamente. A mesma era da “elite” e tinha curso superior. Porém faltava compaixão humana dela para comigo. Então, juntamente com o secretário de saúde da cidade, organizaram o plano macabro. Com isso, minha mãe, através dessas pessoas, conseguiu uma vaga num hospital psiquiátrico em Natal-RN. Lembro-me de que o psiquiatra me avaliou e manteve a mesma medicação do psiquiatra de Caicó, ou seja, eu poderia ter ficado tomando os remédios em casa, mas o fato de eu pregar a pedagogia do amor de Jesus mediante a construção do paraíso terrestre, usando versículos bíblicos de um chaveiro que tinha uma caixinha com as passagens bíblicas, fez com que eles e elas me achassem maluco. Já que eu pensava que era a reencarnação de Jesus.

Assim sendo, a minha ida para o hospício de Natal foi inevitável. Por consequência, eu fui encamiñado para o setor mais “barra pesada” do hospital,

ou seja, o local que se encontravam os drogados, alcoólatras e doentes mentais nos seus mais variados níveis. Nesse sentido, é preciso dizer que não havia a separação dos pacientes, conforme cada problema. Dessa forma, passei 14 dias no setor público e fiz amizades com os alcoólatras, com os drogados e com os doentes mentais graves como forma de sobreviver no hospício da capital. É necessário frisar que tínhamos um armário particular com cadeado e chave para guardar nossas coisas pessoais. Assim, é notório que existia uma maior privacidade, embora houvessem ameaças por parte dos drogados para comigo, no sentido de dividir a merenda que minha mãe trazia toda semana, durante o dia da visita. Por assim dizer, posso afirmar que, com exceção dessa comida proveniente de fora do hospital, as demais eram de péssima qualidade, ou seja, eram mal feitas. Contudo, a fome era tão grande que depois de alguns dias, apenas beliscando a comida, acabei me adaptando e comendo de verdade, quer dizer, a necessidade me obrigou a comer aquele feijão, arroz, ovos, cuscuz, mortadela e demais alimentações, feitas naquelas panelas para mais de 100 homens e adolescentes.

Assim, eu passei uns maus bocados naqueles 14 dias de internação do setor público, no que tange a alimentação. Além disso, se faz necessário falar da limpeza, isto é, era apenas um “faz de conta”, já que o banheiro só era limpo uma vez por dia. Nesse sentido, eu só usava após a limpeza matinal, ou seja, adaptei meu organismo, em função da nojeira,

a fazer minha necessidade fisiológica apenas uma vez por dia. Por fim, não podemos deixar de mencionar que só tínhamos direito a tomar dois banhos por dia, isto é, quando acordávamos e antes do jantar. Contudo, havia merenda, almoço e jantar todos os dias, embora fossem de péssima qualidade no setor público. Para tanto, uma colega da faculdade de História se encontrou com minha irmã na Universidade e perguntou por mim. Então, minha mana falou para ela que eu me encontrava internado num hospício em Natal. Logo que ficou sabendo, essa minha colega espírita falou para minha irmã que iria conversar com um conhecido meu e dela, que tinha ido conosco para a Cidade de Canudos (Bahia), em 2002. Na supracitada ocasião, tínhamos ido participar do Seminário Internacional de Comemoração do Centenário da publicação do livro: *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Livro este que eu tinha lido com 15 anos de idade, ou seja, em 1997. Todavia, os meus colegas universitários ainda não o tinham lido e estavam lendo naquele momento. Nosso colega era funcionário da Petrobrás, leitor voraz, escritor contundente e teve compaixão de mim. Dessa forma, ele foi ao hospital de Natal e pagou R\$1.000,00 (um mil reais) para que eu pudesse ficar no setor particular da instituição. Só que a burocracia institucional não me colocou por completo no setor privado, isto é, isolou um quarto só para mim no setor público, com direito a banheiro privado e todas as mordomias possíveis.

Com isso, fiquei no hospital de forma híbrida, quer dizer, me alimentava no setor privado com uma comida requintada e bem feita, bebia água mineral, pedalava na bicicleta ergométrica, jogava sinuca, assistia à TV no sofá e me relacionava com os pacientes da alta sociedade (drogados, alcoólatras e doentes mentais) que lá se encontravam. Embora a maioria gostasse de mim por eu ser gentil e espontâneo, teve um que tentou me bater depois que externalizei flatulências. Na ocasião, eu me afastei do troglodita rezando o pai nosso em voz alta e, como consequência da discussão, ambos tomamos uma injeção de “sossega leão”. Mas lá aconteceu que, uma mulher de um funcionário da Petrobrás que se encontrava internado por causa do alcoolismo, simpatizou comigo e minha mãe, sendo assim, ela me levava para casa dela nos finais de semana e proporcionava tudo de bom, ou seja, alimentação, lazer, afetividade dela e dos filhos adotivos. Diante desse contexto, fomos para o clube de recreação da Petrobrás em Natal. Lá foi muito divertido, visto que joguei totó com o filho dela e tomei banho na piscina, sem falar no almoço de gabarito.

Em certa ocasião, estava me afogando na piscina, mas como sabia nadar um pouco, consegui sair ileso. Embora tivesse um salva-vidas lá, ele não me prestou socorro. Com isso, fui tirar satisfação com ele sobre o motivo pelo qual ele não tinha me socorrido. O rapaz falou que ficou assistindo a minha luta contra o afogamento e disse que se eu tivesse me

afogado, ele teria me salvado, mas esperou o resultado da minha luta contra as profundezas da piscina. Além disso, foi na casa dessa senhora que eu assisti ao filme sobre a História da Independência dos Estados Unidos da América, ou seja, *O Patriota*. Naquele tempo, só quem possuía aparelhos de DVD e computadores eram pessoas ricas ou de Classe Média Alta. Além do mais, fomos tomar banho num rio com uma galera amiga do filho dessa senhora. Sem falar que fomos, também, para a cidade de Ilmo Marinho, local em que a empregada doméstica dessa senhora morava. Lembro-me de que fomos bem tratados pela família da trabalhadora e dormimos lá. Na ocasião, eu fiz um passeio na cidade com a senhora que estava cuidando de mim nos finais de semana e ela me apresentou um jovem trabalhador de uma loja de construção civil. Ela disse a ele que eu fazia faculdade de História e tinha “adoecido por estudar demais”. Logo, ele me trouxe uma lista de perguntas de História e eu não soube responder, visto que minha memória tinha sido apagada pela doença, bem como pelos remédios.

Contudo, é imprescindível dizer que, a “amiga da elite” de mamãe, também foi generosa comigo e com minha matriarca, uma vez que hospedou mamãe no seu apartamento em Natal. Nesse local, morava o filho dela, um sobrinho, uma sobrinha, uma parente próxima e uma doméstica. Lá funcionava como uma república de estudos para os filhos da elite dessa amiga de mamãe. É interessante falar que eles e

elas me tratavam bem, mesmo eu estando internado num hospício e só tinha contato com eles nos sábados e domingos. Para tanto, foi lá que aprendi a jogar buraco com eles, depois do almoço. Apesar de estar com uma medicação forte, a minha inteligência era admirada por eles, mesmo eu dizendo que minha memória tinha sido “*resetada*”. Com isso, além de aprender a jogar buraco com eles, ganhei a partida, pois eles foram muito solidários no processo de ensino-aprendizagem. Destarte, eu passei essa temporada da minha vida, quer dizer, 44 dias internado, com direito a sair nos finais de semana par divertir-me e socializar-me com as pessoas. No entanto, eu não posso deixar de registrar aqui um fato importante: depois de passar a primeira semana no pavilhão com os doentes mentais, drogados e alcoólatras, eu tive o privilégio de ir para um quarto do setor particular e passei a conviver com pessoas mais equilibradas e ter um banheiro disponível para todas as necessidades na hora que precisávamos. Para isso, o meu bom comportamento, foi levado em consideração pelos técnicos de enfermagem. Assim, peço desculpas aos leitores, pelo fato de relatar os acontecimentos fora da ordem cronológica algumas vezes. Mas, saibam que não é fácil ressuscitar da memória essas histórias que assolaram a minha vida de forma colossal.

Nesse sentido, é notório frisar que tinha um psicólogo que alfabetizava os pacientes iletrados na biblioteca, além de ensinar contas de Matemática

relacionadas ao cotidiano. Para tanto, como eu era universitário, ele não queria me aceitar na turma, pois temia que o meu comportamento fosse atrapalhar as aulas, isto é, responder as questões propostas por ele e gerar um caos na aprendizagem dos demais pacientes iletrados. Assim, eu tranquilizei-o falando que iria me comportar e queria que ele me ensinasse inglês, além de fazer os deveres de Português e Matemática colocados por ele. É importante destacar que o professor citado tinha razão em desconfiar dos letrados, no que tange à desorganização das aulas, haja vista que uma loira que tinha o ginásio incompleto havia bagunçado as aulas dele, até que foi necessário expulsá-la da sala de aula porque ela não respeitava o lento processo de aprendizagem dos colegas e pacientes do hospital psiquiátrico.

Diante da situação mencionada, eu solicitei uma oportunidade e ele me deu, mas deixou bem claras as condições de participação, ou seja, não atrapalhar o projeto de letramento. Assim, eu me divertia nas aulas do psicólogo da UFRN e ex-acadêmico de Direito da mesma instituição, pois era uma terapia ocupacional para mim, ou seja, fazer aquelas continhas do dia a dia e os deveres de Português na perspectiva de alfabetização e, ainda, aprender os dias da semana em inglês, os nomes das cores, as nomenclaturas das frutas e outras coisas, naquela língua inefável, para mim era muito prazeroso. Porém, eu roubei alguns livros e revistas da sala de aula que, por sua vez, funcionava na biblioteca, tais

como: *Brasil Nunca Mais*, um livro de história da filosofia ocidental e oriental dentre outros. Desse modo, eu vislumbrava estudar esses livros no futuro e foi o que de fato aconteceu, quer dizer, eles foram muito úteis para mim e para os meus colegas da faculdade que precisaram. Além disso, não posso esquecer de que uma afrodescendente e eu nos acariciávamos na sala de aula, antes que o professor e os colegas chegassem. Porém, não transávamos porque não dava tempo e eu não tinha camisinha. Mas, eu ia ao banheiro do meu quarto e praticava o autoerotismo como forma de sanar aquela pulsão sexual. Outro fato a ser mencionado foi que um colega de sala de aula me flagrou surrupando os livros por debaixo da camiseta e ancorado na bermuda e, por sua vez, disse que se eu não parasse, iria me denunciar. Contudo, eu o convenci a guardar segredo, mas foi necessário deixar de praticar o delito. Outro aspecto importante foi o meu tratamento com a psicóloga, uma vez que ela trazia textos de Norte-americanos, Canadenses e Europeus que, durante a faculdade, tiveram surtos psicóticos e desenvolveram a esquizofrenia.

Lembro-me de que ela pedia para eu ler os testemunhos de vida deles e eu ficava muito triste, porque eles eram super inteligentes e só tiravam notas boas antes de serem atingidos gravemente pela patologia e, depois que foram internados em hospitais e começaram a tomar as medicações, ficaram estabilizados, porém, as notas na faculdade eram baixas e tinham muita dificuldade de aprendizagem dos conteúdos acadêmicos. Assim, alguns se formaram e outros

desistiram. Embora a psicóloga objetivasse me conscientizar sobre o meu futuro, eu dizia para ela que eu iria recuperar minha memória, voltar a tirar notas 8, 9 e 10 na faculdade e me formar com muito conhecimento. Contudo, ela dizia que a realidade era aquela esboçada nas histórias trazidas por ela ao consultório psicológico.

Assim sendo, passei 44 dias internado no manicômio em Natal e vivi intensamente todos os momentos. Convém ainda mencionar, inclusive, que na sala de recreação ouvíamos muitas músicas antigas nos antigos gravadores que necessitavam de fitas e eram um refrigerio para a minha alma, uma vez que o corpo estava preso no hospital, mas o espírito era livre para sonhar e eu acreditava nisso. Isto é, eu falava para os colegas que iria fazer minha monografia de formatura sobre *O Papel do Ensino de História na Formação do Cidadão Brasileiro* e eles achavam que era utopia, pois minha memória tinha sido deletada pela doença e pelos remédios. Nesse sentido, recordo de um jovem mais velho do que eu poucos anos, que estudava um livro de História da Antiguidade e dizia que iria fazer faculdade de História na UFRN, mas primeiro precisava se libertar das drogas. Diante disso, eu o incentivava mesmo ele desacreditando do meu potencial, haja vista que o apagão na minha memória era gigante. Em virtude dos fatos mencionados, somos levados a acreditar que a história da vida de uma pessoa dá muitas voltas e que a minha saga de sofrimento, depois que recebi alta do hospital psiquiátrico, estava na metade do caminho.

A MINHA PRIMEIRA INTERNAÇÃO NO SÃO CAMILO DE MOSSORÓ, EM 2008

Com 26 anos de idade e sem estar tomando nenhum psicotrópico, eu surtei em 2008. O fato é que o cardiologista de meu pai foi o médico que disse a mim e a meu pai sobre a ausência da necessidade de tomar os remédios. Todavia, isso se deu pelo fato da minha conversa fluente com ele no momento em que levei meu pai para ele examinar. Diante disso, eu deixei de tomar ampicilil, audol e akineton e passei a ingerir duas vitaminas prescritas por ele, para recuperar minha memória: binerva e memoriol. Para tanto, se faz necessário falar que isso ocorreu em 2004 e eu passei 4 anos estudando demasiadamente com uma memória de elefante e, por conseguinte, concluí o curso de História na UERN-Mossoró. Na ocasião, eu conheci uma linda mulher e, em seguida, comecei a namorá-la em 2005. Assim sendo, ficamos noivos pelo fato de nos amarmos muito, embora ela e eu fôssemos ciumentos. Assim pois, transávamos muito e gozamos nossa juventude aos 20 e poucos anos.

Nesse período eu lecionei em uma escola pública e em outra privada, ambas eram respeitadas e gabaritadas. Todavia, não assinaram minha carteira de trabalho. Além disso, participei do Acampamento Irmã Dorote, com a Comissão Pastoral da Terra, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e meu pai, enquanto forças influenciadoras da minha vida de intelectual engajado na luta pela Reforma Agrária. Para tanto, apesar de passar mais de 2 anos de luta pela desapropriação da terra improdutiva, nós não conseguimos ganhar a terra. Visto que no subsolo do terreno tinha um lençol de gipsita e os proprietários pagavam ao governo o imposto para ter o direito de explorar. Assim, o INCRA do RN nos disse, em uma reunião em Natal, que a mineralogia tinha prioridade em relação à Reforma Agrária. Porém, isso só nos foi relatado depois de passarmos mais de 2 anos morando em barracas de palha de coqueiro, lona ou telha. O fato é que cheguei a participar de um Congresso da CPT em Garanhuns, Pernambuco, no ano de 2008. Na época eu fui escolhido pelas lideranças das instituições supracitadas para representar os acampados.

Desse modo, usei o microfone para reivindicar a Reforma Agrária como um movimento legítimo dos Sem Terra e assisti a muitas palestras importantes no evento da CPT da Região Nordeste. Convém ainda mencionar que nesse ínterim, uma Sem Terra e uma jornalista demonstraram interesse por mim, porém, eu me senti atraído por uma mulher linda da CPT

e tentei ficar com ela que, embora fosse solteira e tivesse dançado comigo, não quis me namorar, logo, eu não quis mais ninguém. Destarte, o Congresso foi muito lindo no que diz respeito às palestras, comida, dormitório, noites de confraternizações etc. Além disso, é preciso dizer que a vida no acampamento não era fácil, pois tínhamos que procurar lenha para cozinhar e suportar a temperatura nas barracas rudimentares em pleno clima semiárido. Todavia, o Governo Federal nos abastecia com os cereais, assim, só precisávamos comprar a “mistura”. Um fato engraçado era que os agricultores se admiravam quando eu estava cortando lenha, pois como eu era formado, eles ficavam questionando o fato de eu ser tão exímio no uso do machado. Com isso, eu dizia a eles que desde adolescente que meu pai tinha me colocado para trabalhar na agricultura rudimentar. Outro fato que merece destaque foi a necessidade de carregar galão de água para abastecer os potes de beber, cozinhar e tomar banho nos banheiros coletivos. Sem falar que as nossas necessidades fisiológicas eram feitas dentro do mato.

Destarte, vivia intensamente sem os remédios e me socializava com todo mundo. Nesse tempo, eu não sabia que era esquizofrênico. Então eu bebia muito vinho e levava uma vida perfeita em todas as áreas. Já que tinha a noiva, o karatê, os estudos, o movimento dos sem-terra e tinha um salário mínimo por mês, haja vista que minha mãe tinha me aposentado por invalidez, quando eu saí do hospício em Natal.

Com isso, eu desfrutava de um poder aquisitivo bom para um rapaz solteiro e sem ambição na época aqui citada. Então, meu pai comprou por um preço simbólico o direito de um agricultor do Assentamento Mororó e fomos morar na casinha e arrancar toco e plantar na terra: milho, feijão, melancia, sorgo, jerimum etc. Assim sendo, estávamos acampados e assentados.

Por assim dizer, foi um período de muito trabalho braçal, porém a alimentação era farta e de qualidade, conseqüentemente, as energias eram repostas através dos alimentos e sonos restauradores. A título de curiosidade, vou dizer que a nossa merenda na roça era queijo com doce de mocotó de boi. Com isso, eu demonstro que apesar de sermos pobres, naquela época vivíamos muito bem, uma vez que meu pai era aposentado pela idade e eu por invalidez, embora não soubesse meu diagnóstico, visto que os psiquiatras falavam em depressão. Nesse sentido, eu pensei que tinha ficado bom. Por isso, levava uma vida de atleta no karatê, no sexo, nos estudos e no trabalho como agricultor. Para exemplificar, basta eu dizer que meu pai me chamava de “meu Sansão”. Além do mais, me apaixonei por uma moça do Assentamento Mororó, mas nunca falei namoro para ela, pois estava tímido. Embora, uma morena e uma loira tivessem me dado bola, assim falavam as “más línguas”. Todavia, pareceu ser verdade, visto que elas me davam muita “corda”. Mesmo assim, eu não quis nenhuma das duas. Entretanto, como não era santo, arrochei uma adolescente, durante umas noites, só com beijos e agarrões, já que ela não quis mais intimidade.

Também namorei uma mulher do acampamento Irmã Dorote, às escondidas. Também não transamos, pois ela não me deu oportunidade e eu estava um pouco bestializado, isto é, com sintomas da patologia, a nível de inconsciência. Para tanto, continuava com o noivado e a “pedagogia do cinismo” para com a minha antiga noiva. Por um longo tempo, tudo fazia sentido na minha vida pessoal e intelectual. Até que fui fazer os concursos das prefeituras de Touros e Maxaranguape no Estado do Rio Grande do Norte. Na primeira cidade aqui citada, eu acertei 33 questões das 40 perguntas da prova de História e Didática e fiquei em primeiro lugar para ensinar no Distrito de Chico Mendes. Já na segunda cidade aqui mencionada, eu acertei 36 questões da prova de História e Didática. Com isso, fiquei em sétimo lugar para lecionar em Maxaranguape, ou seja, estava entre os sete melhores e como eram 7 vagas, eu estava com “a vida feita” nas duas prefeituras supracitadas. Convém dizer que as lindas praias foram os fatores que me fizeram prestar os concursos para as cidades aqui tratadas.

A empresa responsável pelos dois concursos foi a ACAPLAM Concursos e, que, por sua vez, era corrupta. Porém, eu só fui saber quando a TV Cabugi noticiou em todo Rio Grande do Norte as fraudes dos concursos que eu fiz, ou seja, os prefeitos das ditas cidades solicitavam os gabaritos das provas para os parentes e correligionários, só que na época, eu estava no meu apogeu intelectual e conseguia ficar

entre os melhores. Contudo, a justiça determinou as anulações dos dois concursos e o fechamento da dita empresa por improbidade administrativa. Dessa forma, eu fiquei sem chão, sem norte, sem diretriz etc. Contudo e, apesar de tudo, continuei estudando em casa, depois de todos esses fatos ocorridos em 2008, na cidade de Apodi-RN. Eu objetivava fazer faculdade de direito na UERN e lembro-me de que na época, o vestibular era vocacional e eu tinha plenas condições de lograr êxito na empreitada. Além disso, meu sonho era ser juiz de Direito. Entretanto, aconteceu um fato que merece ser citado em razão da sua relevância simbólica: o antigo prefeito da minha cidade disse que nem “Jesus faria ele dar o aumento salarial dos professores”.

Assim sendo, numa audiência pública da Câmara de Vereadores, eu fui participar e levei a Bíblia Sagrada e a Constituição de 1988. Diante desse contexto, levantei a mão e solicitei a palavra; com isso, obtive a oportunidade de usar o microfone diante dos professores, contador, e advogado da prefeitura. Lembro-me de que falei que se o prefeito de Apodi não iria obedecer a lei dos homens em conceder o reajuste salarial, nem obedecer a lei de Deus, ou seja, tratar as pessoas com dignidade, eu iria rasgar a Constituição Federal de 1988 e a Bíblia Sagrada, como protesto diante da inexorabilidade do gestor. De fato, o fiz diante da nata da intelectualidade apodiense. Em decorrência do feito, fui aplaudido pela assembleia. Embora, um pseudointelectual juntamente

com um “falso crente” fossem me chamar de louco nas ruas apodienses e no blog que me entrevistou sobre os fatos acontecidos. Contudo, esse fato foi bastante significativo na minha vida, uma vez que meses depois, minha família me internou no hospício de Mossoró; no São Camilo de Lélis. Dessa forma, a minha fama de inteligência, coragem e loucura se concretizava na cidade de Apodi. Por assim dizer, a minha ida para o hospício foi conduzida pelos meus pais, conjuntamente, num táxi particular. Porém, minha mãe acionou uma ginecologista, que estava de plantão na maternidade de Apodi, e meu primo, que era técnico de enfermagem da mesma instituição, para providenciarem os meios necessários a realizar a famígera operação.

Desse modo, a médica deu um parecer favorável à minha internação, depois que foi à minha casa observar o meu despautério emocional. Só que eu era Faixa Laranja em Karatê e não queria sair de casa para canto nenhum. Então, meu primo disse que eu precisava tomar uma vitamina para eu ficar bom. Com isso, me aplicou uma injeção conhecida vulgarmente como “sossega leão” e, dessa feita, eu fiquei quase desmaiado e quase sem fôlego. Assim, meus pais me levaram para Mossoró num táxi fretado por R\$80,00 (oitenta reais), na época supracitada. Apesar disso, é importante frisar que dois colegas do curso de História e um colega do curso de Geografia foram à minha casa para conversar comigo e tentar me acalmar, visto que, eu estava furioso e descompensado.

Assolava-me o delírio de estar sendo vigiado por nanotecnologia, ou seja, na minha alucinação existiam nas lâmpadas elétricas umas nanocâmeras me filmando e fornecendo informações para meu inimigo do "Inferno Digital". Isto é, o homem que tinha conquistado o coração da mulher por quem eu tinha me apaixonado em 2002, ela disse para mim que "não podia deixar o certo pelo duvidoso". Nesse sentido, as paranoias de 2002 se concatenaram com as de 2008. Uma vez que o dono do "Inferno Digital" era sempre meu inimigo imaginário. Mas é necessário dizer que a namorada dele me visitou mais do que uma dezena de vezes, haja vista que fomos colegas de faculdade e sentávamos na mesma cadeira do ônibus da Universidade, quando me assolou a primeira crise depressiva.

Nesse contexto, toda tardezinha ela chegava na BIS para passar horas conversando comigo e tentando me tirar do fundo do poço. Lembro-me de que nesse período, ela trouxe dois clássicos para eu ler: *Robson Crusóe* e *Os Miseráveis*. O primeiro, escrito por Daniel Defoe e falava de um homem que vivia numa ilha sozinho. Assim, como eu queria viver sozinho e falava muito isso para ela, a jovem trouxe esse livro para me proporcionar uma autorreflexão. Já *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, falava de Jean Valjean, um homem que foi preso e teve a vida destruída por roubar um pão. Esses são os fatos de que me lembro dessas leituras de 2002. Dessa forma, esses dois livros marcaram minha primeira depressão

em 2002 e foram trazidos por essa princesa. Desse modo, eu e ela conversávamos sobre os personagens dos livros, minha vida, meu amor por ela e a situação dela com o namorado. Para tanto, se fez necessário esse resgate de memória, pois em 2008, eu estava namorando com a sobrinha da amiga dela e pensava que “o dono do Inferno Digital” tinha colocado essa moça para inspecionar a minha vida através da tia dela e da amiga da noiva dele. Contudo, minha paranoia era tão colossal que eu pensava que era um guerreiro que ia lutar contra “o dono do Inferno Digital” no Juízo Final. As paranoias de 2002 e 2008 se complementavam concomitantemente, embora, em 2008, eu tenha mantido contato físico, intelectual e sexual, apenas com minha ex-noiva. Portanto, não tinha nem ao menos amizade com minha ex-amiga de 2002 e um grande amor platônico obsoleto que só voltou a existir na minha loucura.

Assim sendo, a minha ex-noiva, apesar de tudo, se fez presente nesse momento tão difícil, quer dizer, ficou me visitando e transando comigo, mesmo eu estando surtado, além de me visitar no hospício com minha família. Além disso, todo dia de 5 horas da manhã, eu passava 5 minutos conversando com ela, haja vista que, eu colocava os créditos no celular dela (em virtude da péssima situação financeira dela e da família dela) e essa era a promoção dela. E para isso acontecer, eu dava um toque a cobrar para ela do orelhão do Hospital Psiquiátrico para ela e, mesmo com muito sono, a referida moça passava 5 minutos

me dando conforto emocional e existencial, visto que, eu a amava desesperadamente naquela época. Assim sendo, nós passamos mais de 30 dias nesse rojão, pois quando ela retornava à ligação, para mim, era um motivo de muita felicidade e força para suportar aquela instituição psiquiátrica. Contudo, é preciso dizer que a partir dos 15 dias de internação, eu ganhei o direito de passar o sábado e domingo no apartamento de minha irmã em Mossoró e lá estava a minha ex-noiva (para fazer amor comigo), assim como, o meu pai e a minha mãe estavam comigo, apesar de serem divorciados e meu pai ter ódio eterno de minha mãe. Mas a “pedagogia da dor” uniu todo mundo para me ajudar naquele momento especial.

Diante disso, faz-se necessário dizer que apesar de ter traído minha ex-noiva várias vezes, ela também me traiu várias vezes. Assim me foi relatado que ela namorou às escondidas com um professor de espanhol, assim como, com o primo dela de Mossoró. Mas, o mais impactante foi o fato de eu ter entrado no *Orkut* dela com a senha dela e um cara que estudava engenharia da computação dizer para ela (que no caso era eu no *Orkut* dela e com a senha dada por ela para mim, visto que, tanto eu quanto ela, demonstrávamos fidelidade na perspectiva da pedagogia do cinismo e demos as senhas um ao outro das nossas redes sociais) que estava com muita saudade, pensando falar com ela, inclusive, chamando-a de meu amor. Então, diante do ocorrido, o meu sangue ferveu nos nervos e eu disse a ele que “a pessoa que

estava falando era o noivo dela e que ele era muito cara-de-pau e merecia óleo de peroba na cara”. Com isso, ele se aperreou e disse que era apenas uma brincadeira, pois era muito amigo dela. Contudo, como eu era “cego de paixão” por ela, acabei engolindo a desculpa dele, apesar de tê-lo ameaçado com uma surra. Na época, ela mudou a senha do Orkut e não me deu mais, além de ter esfriado na cama, a ponto de termos ido para Canoa Quebrada no Ceará e ela não quis transar comigo naquela pousada especial.

Já diz o adágio popular: “o pior cego é o que não quer enxergar”, um dia as evidências demonstraram o adultério dela. Eu liguei para ela, à noite, por volta das 21h, mas a ligação não foi atendida. Então, liguei para a mãe e para a irmã dela ao que me disseram que a jovem não estava em casa, e que “provavelmente estaria na casa da amiga de faculdade”. Diante disso, liguei para a amiga. E essa disse não estar com ela. Assim, eu fui para a casa da mãe dessa minha, na época, noiva, e quando lá cheguei, aproximadamente às 22h, constatei empiricamente que ela tinha saído de casa. Então pedi uma cadeira e sentei na frente da casa e esperei até passar da meia-noite, quando, finalmente, ela chegou. E, para a minha surpresa, estava sem a aliança no dedo de noiva. Assim, eu disse que “estava tudo acabado e queria a aliança de noivado que eu tinha comprado com muito amor”. Vale salientar que eu passei mais de 2 horas sentado tranquilamente na cadeira na calçada da mãe dela sob efeito do Respiridona de 2 mg em novembro de 2009.

Na ocasião, as irmãs e a mãe ligaram para ela, que não as atendeu.

Lembro-me, também, de que o cunhado dela ficou conversando comigo, pedindo calma e eu dizendo que estava tranquilo e que iria terminar o noivado, já que estava associando o desaparecimento dela com o cara do Orkut. Contudo, não cometi nenhum ato de agressão contra ela, mesmo sendo doente mental e Faixa Laranja de Karatê. Dessa maneira, a filosofia do Karatê – de que as artes marciais servem para conter o espírito de agressão – é verdadeira. Convém dizer que foi de suma importância (também) a medicação que me havia sido prescrita pelo psiquiatra. Assim, recebi a aliança dela e fui embora para a casa da minha mãe, ponto um ponto final na nossa história de amor e traições recíprocas.

Além disso, não podemos deixar de falar do dia a dia do hospital psiquiátrico, onde era necessário acordar às 5h da manhã para escovar os dentes, tomar banho e merendar. Depois ficávamos convivendo com os demais colegas de tratamento psiquiátrico. Às 11h, aproximadamente, nós almoçávamos: feijão, arroz, mortadela, cuscuz e por aí vai. Já, às 15h, comíamos o lanche que nossa família trazia. Às 18h voltávamos a nos alimentar com uma sopinha, por exemplo. Todavia, é necessário dizer que havia variação de cardápio e nossas refeições aconteciam debaixo de um aprisco com mesas e bancos, isso na ala dos pacientes mais desequilibrados, já que no setor dos mais ajustados as refeições eram

numa sala com mesas e cadeiras e nós éramos separados das mulheres (a alimentação da UCM era mais sofisticada). Assim sendo, depois de tomarmos as medicações, aproximadamente, às 20h, ainda tomávamos um mingau ou um leite, antes de irmos dormir. Sem falar nas escovações dentárias, pelo menos duas vezes ao dia. Isso tudo acontecia no setor dos mais desequilibrados, com a ressalva que fiz do paralelo das alimentações entre UCI e UCM. Nós éramos totalmente dependentes dos técnicos de enfermagem da UCI. Além do mais, como os banheiros não dispunham de mecanismos para dar a descarga, como uma cordinha de puxar, ou uma chave para apertar e colocar o cocô na fossa por nós, logo após a execução das necessidades fisiológicas, o mesmo era cheio de fezes, com exceção do período matutino, no qual, a faxineira dava a descarga com baldes.

Eu questionava muito a falta da higiene, mesmo fazendo minhas necessidades pela manhã. Com isso, eles me respondiam que a corda poderia ser usada como enforcamento e a chave poderia ocorrer os desperdícios de água, dessa forma, eu contra-argumentava dizendo que “a seboseira era inaceitável”. Além disso, elas faziam nossas barbas, unhas e depilações. Mas minha família não trazia aparelhos de barbear, por falta de organização, e eu tinha medo de pegar a AIDS. Assim, através de muita amizade com as técnicas de enfermagem, eu conseguia ser o primeiro, ou então, elas usavam um barbeador “virgem” comigo, diante das minhas argumentações sobre o risco de contrair o HIV. Porém, é preciso

dizer que faltavam colchões nas camas para alguns pacientes, além do que, alguns rasgavam os colchões diante da loucura. Então, era preciso ser sagaz para conseguir um colchão limpo. Por isso, eu gostava de ficar no quarto dos recém-chegados, onde havia três camas bem arrumadas, um ventilador de teto, um chuveiro e um banheiro bem asseado e disponível para os sagazes.

Mas, é preciso dizer que entrei no hospital quase desacordado. Ao que o meu pai e o motorista do táxi, conjuntamente com os técnicos de enfermagem, me colocaram na cama central do quarto dos recém-chegados para dormir depois de ter tomado uma injeção de “amansa leão” em Apodi. Por isso, passei o dia dormindo, quando acordei, à noite, recebi a visita de um técnico de enfermagem galego e um paciente que era dependente químico, o objetivo dos dois foi me amarrar na cama como Jesus foi crucificado na cruz. Diante de tal situação, questionei o porquê de eles estarem fazendo aquilo, mas eles disseram que era necessário, uma vez que não sabiam como seria o meu comportamento e aquilo era precaução. Desse modo, o técnico de enfermagem amarrou meu braço direito ao extremo, já o paciente amarrou meu braço esquerdo sem judiar, além dos dois pés amarrados por ambos. Com isso, eu passei à noite gritando para me soltarem. Entretanto, eles não me liberaram daquela situação humilhante. No dia seguinte, recebi a oportunidade de ser desamarrado e conviver com os demais pacientes do hospício, embora o braço que foi amarrado pelo técnico de enfermagem estivesse

doendo muito, em razão de ter passado 24 horas esticado ao máximo.

Logo consegui me socializar com alguns pacientes que eu simpatizava, bem como, eles gostavam do meu jeito. Depois de algumas semanas, eu me adaptei ao novo habitat e com isso me divertia com os colegas na TEOR, local de terapia ocupacional com a educadora física e demais profissionais. A título de exemplificação, podemos dizer que jogávamos dominó, baralho, escutávamos músicas, assistíamos a shows de bandas como Calcinha Preta, Mastruz com leite, dentre outras. Porém, um fato marcou a minha passagem no São Camilo em 2008: apesar dos homens e mulheres viverem separados por uma questão de organização da microfísica do poder hospitalar, os funcionários promoviam eventos, nos quais, homens e mulheres eram reunidos num mesmo espaço para assistir aos shows de forró e dançar. Numa dessas ocasiões, uma galega chegou para mim e disse que se eu fizesse sexo com ela, iria ficar bom. Surpreso, disse a ela que não tinha camisinha e que a AIDS era uma doença muito perigosa. Então, ela redarguiu que era besteira esse negócio de camisinha e que estava a fim de transar comigo às escondidas no banheiro das mulheres, só que eu não aceitei a proposta dela. Além disso, fui transferido para UCM, isto é, um local onde os sujeitos mais conscientes, calmos e obedientes ficavam.

Nesse novo local, nós tínhamos um armário com cadeado para guardarmos as nossas coisas, enquanto na UCI, os nossos objetos pessoais estavam

sob a responsabilidade dos técnicos e técnicas de enfermagem. Para a minha surpresa, encontrei um amigo de academia e foi um momento especial, já que ele estava mais consciente do que eu e, por conseguinte, me orientou a obedecer aos técnicos de enfermagem no que tange às minhas rebeldias. Certa vez, quando eu ia subindo numa mangueira, ele disse que caso eu fizesse aquilo, iria ser amarrado e tomaria a injeção de “sossega leão”. Dessa forma, eu segui as instruções dele e não escalei a mangueira. Convém mencionar que estávamos hospedados no mesmo quarto e vivíamos conversando sobre o que nos levou ao hospício, ou seja, a nossa loucura parcial. No entanto, se faz necessário (ainda) relatar que quando eu estava na UCM, vivenciei uma experiência inédita na minha vida: o maior poeta de Mossoró foi fazer uma visita na UCI, exatamente onde se encontravam os pacientes mais desequilibrados e na ocasião, eu pedi autorização aos superiores para assistir a declamação de poesia.

O poeta e um colega dele começaram a recitar poesia para nós, assim, depois que eles recitaram, eu pedi permissão para recitar também, dessa maneira, comecei a falar sobre a Guerra de Canudos na Bahia, através do meu próprio estilo de fazer poesia, ou seja, no preto e no branco, sem rimas nem métricas, com reticências e pontos de interrogações. Isto é, poesias filosóficas. Visto que eu tinha criado meu próprio estilo de fazer poesia em 1999, quando estava concluindo curso Científico. Além disso, já tinha publicado

dois cordéis: *Abstração Simbólica e Os Clássicos*. O primeiro, foi feito em 1999 e o segundo, em 2008. Com isso, os poetas ficaram admirados com minha capacidade de filosofar com a História de Canudos em forma de poesia e depois que eu encerrei, todos me aplaudiram e os dois poetas me chamaram para conversar. Nesse contexto, eu disse que era formado em História e que tinha ido em 2002 para Canudos, além de ter lido *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, com 15 anos. Maravilhados, os poetas perguntaram se eu conhecia as figuras emblemáticas de Mossoró, no que diz respeito a viagem histórica que tinha feito com essas personalidades ilustres. Foi quando eu citei o professor de História da UERN, que havia levado a turma ao Seminário Internacional da publicação de *Os Sertões* na Bahia, conjuntamente com os amigos dele.

Assim, o poeta me elogiou, além de me dar o livro dele autografado e dizer que eu tivesse fé em Deus para dar a volta por cima e superar aquela situação catastrófica e, por fim, disse que eu lesse o livro intitulado: *A Origem da Riqueza do Homem* para entender melhor a nossa sociedade. Depois disso, eles foram embora e eu fiquei naquele hospício refletindo sobre o rumo que minha vida tinha tomado. Contudo, a felicidade era grande, pois nunca imaginei conhecer pessoalmente um dos maiores cordelistas do Brasil em pleno hospício. Para tanto, como, eu me encontrava no pavilhão dos mais equilibrados, a vida era mais tranquila e, conseqüentemente, chegou o tão

sonhado dia de receber alta do hospital psiquiátrico. No entanto, um fato inusitado iria atrapalhar a minha saída naquele dia. Depois de avisar à minha ex-noiva que eu estava de alta e pedir que ela avisasse à minha mãe sobre a notícia, para a minha surpresa, a minha mãe se recusou a acreditar e disse que não era verdade. E que não iria me buscar. Com isso, eu pedi para a abençoada da minha ex-noiva falar para a família de meu pai. Assim, eles foram falar com o meu progenitor no Sítio. E, graças a Deus, papai acreditou e foi me buscar no hospital psiquiátrico. No entanto, é importante frisar que um técnico de enfermagem amigo meu, que tinha o coração cheio de compaixão ficou sendo o intermediador das conversas com minha ex-noiva. Usando o celular dele e fazendo uso dos seus créditos, para eu poder conversar com a minha ex-noiva, visto que os 5 minutos que conversávamos ao celular, já tinha acabado, assim, mesmo sendo proibido, o técnico de enfermagem fez essa caridade para mim às escondidas dos superiores. Sem falar que eu tinha decorado o número do celular da abençoada da minha ex-noiva e ela se disponibilizou a ir a pé para falar com mãe e depois foi falar com a família de pai, que por sua vez, foram avisar da minha alta. Portanto, eu não passei mais dias internado graças ao técnico de enfermagem, a minha ex-noiva, a família de pai e meu próprio pai. Contudo, quando meu pai chegou ao hospício, com pouco tempo, mamãe chegou e viemos embora para casa e ambos cuidaram de mim.

O MEU SEGUNDO E ÚLTIMO INTERNAMENTO NO SÃO CAMILO DE LÉLIS, NA CIDADE DE MOSSORÓ, EM 2012

No dia dezesseis de janeiro de 2011, eu decidi aceitar a Ciência, a Filosofia e a Religião Espírita enquanto caminho espiritual para o resto da minha vida. Então, deixei minha ex-mulher adventista sozinha nessa noite e fui para o Centro Espírita, no qual, havia amigos e conhecidos. Assim sendo, fui muito bem recebido. Na ocasião, ocorreram as preces para Deus e a estudo da Doutrina Espírita. Só que, como eu estava tomando o Risperidona de 2 mg desde de 2008, a minha memória não funcionava direito, com isso, eu não gravava as mensagens, nem sabia interpretar os textos espíritas e muito menos proferir uma prece. Embora fosse formado em História e tivesse escrito uma monografia com 39 laudas. O fato é que a bula do remédio Risperidona dizia que ele causava disfunção da memória, assim sendo, minha memória não funcionava no sentido intelectual, ainda que eu conseguisse levar uma

vida social aprazível. Com isso, posso dizer que me relacionava bem com as pessoas, no que diz respeito às boas maneiras. Todavia, não conseguia ter o poder da argumentação sobre quaisquer assuntos. Nesse sentido, tomei uma decisão: resolvi deixar de tomar a Risperidona e comecei a fazer o desmame de forma gradativa.

Conversei com a minha ex-mulher, um amigo espírita e uma conhecida espírita e solicitei segredo, uma vez que tinha a certeza de que a minha família não aceitaria essa decisão, visto que, eu era esquizofrênico e meu psiquiatra disse que eu tinha que tomar Risperidona para o resto da minha vida. Todavia, como eu tinha estudado o livro dos Médiuns de Allan Kardec e me aprofundado no capítulo sobre obsessão simples, por fascinação e subjugação, eu acreditava que os espíritos zombeteiros, maléficos e os que eu tinha feito mal a eles em outras vidas não iriam me dominar, pois eu sabia a teoria da mediunidade e acreditava que podia me defender dos malfeitores espirituais. Além disso, eu acreditava que dessa vez iria ser curado da loucura por Deus e os espíritos protetores. Dessa forma, fui desmamando o Risperidona de 2mg em 2011 e recuperando minha memória ao mesmo tempo, só que, o INSS de Apodi divulgou nas rádios da cidade uma lista das pessoas aposentadas por invalidez e meu pai ouviu meu nome no seu rádio. Com isso, ele disse que eu estava sendo convocado para uma perícia no INSS, ou seja, o INSS estava fazendo uma revisão das pessoas aposentadas

por invalidez. Assim, como eu não estava mais tomando o Risperidona, fui acometido de uma crise psicótica, uma que os conhecidos começaram a dizer que eu tinha uma vida boa. Já que era aposentado e bem novo na idade. Com isso, eu recebi aquilo como zombaria e fiquei desequilibrado.

Dessa maneira, minha ex-esposa e meu pai me levaram para um psiquiatra e esse, além de passar a Risperidona de 3mg, também prescreveu a Oxcarbamazepina de 400mg para eu tomar e me deu um atestado para que eu lavasse a um perito do INSS, atestando que eu era esquizofrênico e tinha direito à aposentadoria por invalidez. Diante dessa situação, minha mãe e o seu ex-marido me levaram para o INSS no carro dele, com o objetivo de fazer a perícia. Lembro-me que, no INSS de Apodi, me deparei com uma situação peculiar e inusitada: não tinha quase ninguém a não ser o médico perito e o vigia. Então fui conduzido à sala por mãe e levei o livro dos Médiuns de Allan Kardec, o livro Diálogo com às sombras: teoria e prática da doutrinação de Hermínio Miranda e um livro de Direitos Humanos, coloquei na mesa do médico e disse a ele que o meu problema era obsessão espiritual e que aqueles livros que eu tinha lido iriam me ajudar no controle da situação. Mas, no momento, ainda precisava do aposento para sobreviver, visto que eu não tinha ambição capitalista para ser rico, assim sendo, o aposento servia para comprar meus remédios e a minha alimentação, conjuntamente com a da minha ex-esposa, além de pagar água, luz

e internet. Falei para ele que um dia iria dar baixa na minha aposentadoria, quando eu fosse aprovado num concurso para professor de História.

Então, ele me disse que eu teria que ministrar uma aula de História no INSS de Apodi, para convencer uma equipe multidisciplinar que eu era capaz de trabalhar intelectualmente na sala de aula. Contudo, uma coisa me chamou atenção: o médico perito falou que se eu tivesse nascido 300 anos no futuro, seria considerado um sujeito normal. Na época aqui citada, eu fiz duas interpretações da situação pela qual eu passei na perícia: a ausência de pessoas no INSS era o medo da instituição receber um Faixa Roxa de Karatê e acontecer um escândalo. Já a outra interpretação sobre o fato de “nascer 300 anos no futuro... Seria considerado um sujeito normal”, eu pensei que minha fala pautada no humanismo cristão e na ausência de ganância com as coisas materiais, fez o perito tecer esse elogio para minha pessoa. Assim sendo, minha aposentadoria por invalidez foi ratificada e eu consegui superar a crise psicótica com ajuda da minha ex-mulher e do meu pai, uma vez que, os mesmos cuidaram de mim de manhã, de tarde, de noite e de madrugada, haja vista que meu sono era escasso. Sem falar que eles me proibiram de ler, assistir televisão e acessar o computador, com isso, eu só podia ouvir um pouco de música no DVD. Para tanto, a justificativa da minha ex-esposa e do meu pai era evitar o meu cansaço mental, assim, eu era tratado como um bebê que vivia numa rede e só

me levantava para fazer as necessidades fisiológicas e uma caminhada matinal de 6 km.

Dessa forma, neste período eu me afastei do Karatê e do Taekwondo, já que a medicação me deixava dopado. No entanto, como eu era muito exigente para com meus familiares, eles me permitiram praticar hidroginástica depois de um certo tempo. Sem falar que eu não tinha o direito de sair de casa sozinho para nenhum local. Destarte, depois de alguns meses, eu me recuperei e voltei a ter a minha independência pessoal, no que diz respeito ao direito de ir e vir sozinho pela cidade de Apodi. Por conseguinte, voltei a praticar as artes marciais supracitadas. Além disso, também voltei a estudar, assistir a tevê, navegar no computador o tempo que eu quisesse. Com isso, me dediquei aos livros espíritas que falavam sobre obsessão e, assim, li dezenas de livros desse gênero, como também li a Bíblia com a minha ex-esposa, através do ano bíblico. Ou seja, todos os dias nós líamos 3, 4 ou 5 capítulos, consequentemente, nós lemos a Bíblia toda, isto é, de Gênesis a Apocalipse. Embora não fosse numa sequência linear e sim conforme um livrinho adventista que orientava os capítulos a serem lidos, a leitura era feita através de assuntos relacionados ao que diz respeito ao Velho Testamento e ao Novo Testamento. Pois bem, nesse período, o *Orkut* tinha um jogo chamado de “Bíblia Legal” e eu era viciado nele, assim, consegui fazer 1 milhão e quatrocentos e cinquenta mil pontos e fiquei na posição 138 no ranking. Para tanto, o meu objetivo

era ficar entre os 100 melhores, visto que, existia uma lista dos 100 melhores jogadores no “Bíblia Legal” do Orkut eu queria ficar entre os melhores. Por isso, me dediquei tanto a esse jogo bíblico, já que, além de aprender muito sobre o livro sagrado, eu também exercitava minha memória intelectual. Nesse sentido, para exemplificar a minha aprendizagem sobre a Bíblia, se faz necessário dizer que eu sabia a sequência dos 66 livros, assim como as ideias centrais dos mesmos. Com isso, posso dizer que dediquei 3 anos da minha vida aos estudos da Bíblia e aos estudos do espiritismo. Assim sendo, as obras de Allan Kardec foram todas lidas: *O Céu e o Inferno*, *O Livro dos Médiuns*, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, *O Livro dos Espíritos*, *A Gênese*, *O que é espiritismo* e *Obras Póstumas*.

Para tanto, é fundamental dizer que, para ter uma memória intelectual capaz de absorver essa gama de conhecimento teológico, eu voltei a desmamar a Risperidona de 3mg e a Oxcarbamazepina de 400mg. Com isso, continuei batendo de frente com a medicina e com o meu psiquiatra que continuava prescrevendo a Risperidona como forma de combater minha patologia. Nesse sentido, eu dizia para meu psiquiatra que mudasse a medicação, pois com a Risperidona eu perdia a minha memória intelectual. Todavia, ele não mudava e dizia que eu tinha que tomar o Risperidona durante toda a minha vida. Contudo, posso dizer que lhe obedeci em 2008, 2009 e 2010, mas em 2011 e 2012 me rebelei contra

o psiquiatra e a medicação que causava a perda da memória intelectual. Assim sendo, perdi três anos da minha vida e fiquei dois anos na fronteira entre o real e o imaginário, ou seja, nos anos que tomei Risperidona, eu não aprendia nada. Já nos dois anos que deixei de tomar por conta própria, eu era um gênio intelectual, embora o meu psicológico fosse sensível ao desdém da sociedade apodiense, no que diz respeito a minha patologia crônica.

Para exemplificar essas atitudes de indiferença para comigo, basta eu dizer que tinha colegas do segundo grau que chegavam numa calçada onde eu estava e falavam com todo mundo, com exceção a mim. Acho que meus antigos colegas tinham esquecido das inúmeras “colas” que eu tinha dado a quem precisava, tais como a prova de Química, no segundo ano do segundo grau, quando o professor aplicou a prova de Química e eu sabia responder todas as questões. Então, respondi a prova toda e passei o rascunho para uma colega, que por sua vez, respondeu a dela e saiu repassando o meu rascunho para todos que solicitavam. Isso também aconteceu com provas de Matemática, Física entre outras. Além disso, é preciso dizer que alguns colegas mudavam de calçada quando percebiam que iam se encontrar comigo. Esses fatos aconteceram também com colegas da Universidade. Contudo, é indispensável dizer que 2 ou 3 colegas do segundo grau e da Universidade continuaram falando comigo em todos os locais, embora sem manter laços de amizade.

Nessa perspectiva, posso dizer que fiquei isolado do mundo, ou seja, meu círculo de convivência era a minha família, as pessoas do Centro Espírita e o povo da minha ex-mulher. Logo, eu posso dizer que minha vida era bastante introvertida. Embora, o Karatê proporcionasse uma socialização durante as aulas e em alguns casos raros, na vida cotidiana, assim como o Taekwondo. Nesse período de tempo, eu me apaixonei por uma galega virgem da Assembleia de Deus do Ceará, que era estudante de Educação Física. Nos encontramos no jogo da Bíblia e começamos a conversar, então eu falei para ela que a queria, porém a moça disse-me não. Assim sendo, apesar de ser atenciosa comigo, não me deu esperança, sem falar que eu estava amasiado. Além disso, tive uma paixão louca por uma professora do curso de Ciências Sociais da UERN e cheguei a mandar e-mail para ela dizendo que gostaria de fazer um estudo sociológico sobre a loucura, na perspectiva da *História da Loucura*, de Michael Foucault. Para tanto, consegui o e-mail dela no site da UERN. Entretanto, ela não me deu devolutiva, mesmo que me conhecesse dos tempos da UERN, visto que eu tinha orientado e feito praticamente um projeto monográfico de um aluno dela, pois esse jovem era meu amigo e pupilo na época. Lembro-me de que o projeto falava sobre como existia a diferença do tratamento do policial na sua abordagem ao burguês e ao proletariado. Com isso o meu pupilo obteve nota 9. No entanto, o rapaz não deu continuidade à pesquisa, na perspectiva marxista, haja vista que

o orientador o manipulou para outro caminho. Um fato curioso é que, mesmo com uma união estável, eu sentia a necessidade de amar outras mulheres. E foi assim que minha ex-mulher descobriu que eu estava desejando uma ex-ficante na internet. Em um certo dia, eu disse para minha ex que ela tinha os lábios de mel e, tendo escrito essas palavras, fui ao banheiro. Quando voltei ao computador, a minha ex-mulher estava lendo a mensagem e dando um ponto final no nosso relacionamento, alegando que aquilo era uma “traição virtual”. Desnorteado, pedi o seu perdão, mas ela não me deu, pois eu já tinha me separado dela pelos amores platônicos em virtude da minha patologia em estado de desequilíbrio e ela tinha me perdoado e me aceitado de volta. Com isso, ela foi categórica no ponto final, ou seja, mesmo me amando, terminou comigo.

Diante de tal contexto, fui morar com o meu pai na zona rural. O fato é que eu gostava muito dela, embora não tenha sido sábio nas minhas ações, já que estava desequilibrado mentalmente e sem remédio para contornar a situação. Dessa forma, eu fui meu próprio algoz no relacionamento com a cidadã virtuosa. Uma vez que ela aceitou namorar comigo, mesmo sabendo da minha doença. Nesse sentido, tivemos uma linda história de amor enquanto durou. A título de recordação, posso dizer que nós dois namorávamos com livros, assim que nos conhecemos, isto é, ela com o livro *O Lar Adventista*, de Elen White e eu com o livro *O Céu e o Inferno*, de Alan Kardec.

Dessa maneira, os nossos encontros eram no Calçadão da Lagoa do Apodi ou na calçada dos pais dela. Desse modo, líamos os dois livros concomitantemente e foi assim que criei o “namoro com livros”, um método eficiente para unir o casal. Por assim dizer, vivemos uns três anos juntos e não tivemos o direito de casar, uma vez que, caso isso acontecesse, eu perderia a aposentadoria por invalidez. Porém, um certo dia, à tarde, o pastor da igreja dela e um jovem foram na nossa casa entregar o documento que a excomungava da igreja, visto que ela não tinha casamento no civil, nem no religioso. Assim, quando o pastor explicou a situação a mim, eu contra-argumentei dizendo que Jesus tinha perdoado até uma mulher adúltera. E que ela era muito valorosa, já que me aceitou, mesmo sabendo da esquizofrenia. Contudo, o pastor foi progressista e solicitou os documentos que comprovavam a minha invalidez de acordo com a justiça e a medicina. Assim sendo, quando ela chegou em casa, eu expliquei tudo que tinha acontecido e ela ficou muito feliz comigo, por eu tê-la defendido do anátema.

Desse modo, a documentação foi entregue ao pastor e a Missão Nordeste julgou de forma sábia, ou seja, a absolvição foi concedida. Conseqüentemente, ela continuou sendo membro efetiva da igreja, sem excomunhão, nem disciplinamento. Contudo, o fato de eu tê-la traído virtualmente foi a gota d'água para o fim do nosso relacionamento. Para tanto, é preciso dizer que na primeira vez que abandonei a cidadã

virtuosa, eu fui morar no Bairro Rodoviária, numa casa alugada de uma senhora e pagava o aluguel antecipado para demonstrar a minha honestidade financeira. Embora a minha família tenha sido contra a minha atitude de abandoná-la, eu fui teimoso e realizei o despautério. Assim, meu pai organizou a mudança com um primo numa caminhonete F. 4000 dele e eu fui viver sozinho com os meus livros, internet, música etc. Porém, se faz necessário falar que eu estava sem remédios e aparentemente equilibrado. Ainda que fizesse tratamento no Centro de Atenção Psicossocial de Apodi, com o objetivo de manter as aparências de normalidade, o psiquiatra deixou de passar os remédios para mim, mesmo eu frequentando o CAPS, já que participava das terapias ocupacionais, como por exemplo, o jogo de buraco. Assim, uma enfermeira conseguia as receitas para mim à sua maneira. Mesmo que eu recebesse receitas e remédios, não os tomava, visto que a medicação me causava a perda da memória intelectual.

Com isso, realizei a “pedagogia do cinismo” e mantive as aparências de normalidade. Um aspecto importante é que eu frequentava o CAPS umas três vezes por semana para jogar buraco pela manhã e paquerar com a educadora física da instituição supracitada. Eu também tinha um bom comportamento. Assim sendo, numa tarde de domingo de 2012, eu recebi a visita de uma prima minha. Ela era professora de História e ia viajar para a Itália com o marido e amigos. Mas antes de partir, ela solicitou

à minha pessoa o trabalho intelectual provisório, por um curto espaço de tempo, na Escola Estadual Professor Antônio Dantas, para eu lecionar no período matutino e noturno, as disciplinas de Filosofia, Sociologia, História e Artes. Eu aceitei o desafio da minha prima e ex-professora que confiou em mim, mesmo sabendo dos meus problemas patológicos do passado. O fato é que fazia 4 anos que eu estava razoavelmente equilibrado, embora tenha apresentado um descompasso em 2011, o mesmo foi efêmero. Com isso, ela levou-me os livros das disciplinas mencionadas acima e disse que já tinha conversado com o diretor sobre a minha ida à Escola para substituí-la.

Dessa maneira, eu comecei a estudar os 4 livros que ela me trouxe e selecionei os conteúdos a serem trabalhados, consoante a minha autonomia intelectual. Desse modo, eu ministrei aulas expositivas e também solicitei seminários com resumos. Além de ter realizado uma aula de Arte no Auditório da Escola, momento em que coloquei os alunos para ouvir Forró das Antigas e dançar com os colegas. Todavia, o meu modo inovador de trabalhar os conteúdos com temas geradores de Paulo Freire, assim como, a Pedagogia Tradicional dos Jesuítas, causava um alvoroço na escola, isto é, o corpo docente e discente achava estranho aquela minha forma de lecionar, levando em conta o cotidiano dos alunos com os assuntos clássicos. Para exemplificar isso, basta eu citar que numa aula de Sociologia do Ensino Médio, eu usei um refrão de uma música e, na oportunidade, falei de Capitalismo, através da música “Xibom bombom”

e os alunos acharam interessante. Porém, é indispensável dizer que eu sentia muito cansaço mental, quando estava preparando as aulas, isto é, a fadiga psíquica era horrível, embora me alimentasse bem.

Contudo, depois de um certo período na sala de aula, eu não tive mais condições mentais de lecionar, já que os delírios e as alucinações tomaram conta de mim. Desse modo, deixei de ir à escola antes da minha prima chegar da Itália. Entretanto, ela me remunerou pelo tempo de serviço prestado. Desse modo, a minha passagem pela Escola Estadual Professor Antônio Dantas, em 2012, foi marcada por sabedoria para alguns e loucura para outros. Doravante, fiquei isolado dentro de casa (entre aspas), visto que jogava buraco com o vizinho da frente, conversava com um conhecido que estava fazendo faculdade de Geografia, batia papo com um vereador e filho da proprietária da casa, caminhava todos os dias 6 km pela manhã, embora fosse muito introspectivo. Porém, o problema foi se agravando até que, numa bela manhã, os espíritos malfeitores ou os delírios e alucinações assolaram-me de forma intensa. Então, eu me arrumei de forma exótica para ir a pé até meu pai no Sítio Córrego, já que, na minha mente, existia a ideia de que ele iria ser assassinado. Mas, para a minha surpresa, mal terminei de me arrumar, meu pai chegou na casa em que eu estava morando e disse que tinha vindo me ver porque estava com um mal pressentimento. Com isso, ele ficou cuidando de mim, com o auxílio da família dele. Além do mais, minha mãe trouxe cesta básica e veio me visitar, mas

eu não aceitei a visita dela, pois achava que a culpa da situação era dela, ou seja, minha mente pensava que minha mãe tinha poderes sobrenaturais como a deusa Hera dos Gregos antigos. E, como eu era um Hércules contemporâneo, ou seja, um semideus, ela queria a minha morte.

Então, eu era mal-educado com ela por causa das paranoias. Assim, o meu pai ficou cuidando de mim e eu continuava com a ideia fixa de que iriam matá-lo e somente eu poderia salvá-lo. Então, numa bonita manhã, eu tranquei meu pai dentro de casa, pois minha mente dizia que se ele saísse de dentro de casa seria assassinado. Diante dessa delicada situação, a minha tia e irmã dele veio nos visitar, só que eu não deixei que ele saísse para conversar com ela na calçada. Assim, eles ficaram conversando pelas frestas da janela e da porta e eu dizia a eles que parassem de conversar por causa do perigo dele sofrer um tiro na janela ou na porta. Para proteger o meu pai eu me armei com um facão e coloquei-o preso no banheiro e apliquei golpes de facão nas frestas da porta e da janela contra minha tia, porque eles teimavam em cochichar. Em virtude desse contexto, a minha tia chamou a Polícia Militar para minha casa, alegando que eu ia matar meu pai. Os militares chegaram na frente da casa que eu estava morando e começaram a me chamar e dizer que eu deixasse meu pai sair da casa.

Foi então que eu percebi que a situação era grave e abri a porta para meu pai sair da minha casa, as-

sim como, joguei o facão na calçada e as facas de usar para comer os alimentos e também fiquei de joelhos com a mão na cabeça, dizendo aos policiais que eu estava protegendo meu pai, pois eu escutava vozes falando que iam matá-lo, caso ele saísse de dentro de casa. Assim, os policiais com toda educação do mundo me disseram que isso não ia acontecer, aí eu perguntei para eles o que eles iam fazer comigo, então eles disseram que eu fosse tomar banho e esfriar a cabeça e depois fosse ouvir música ou assistir TV. Por conseguinte, a polícia e a minha tia, bem como meu pai e as pessoas da rua se afastaram da minha casa e eu fiz o que eles disseram: fui relaxar. Lembro de que reconheci vários policiais que fizeram a operação e com isso fiquei tranquilo, uma vez que entre eles estavam o meu ex-cunhado, um colega do Taekwondo, um conhecido do curso de História, um colega que eu tinha emprestado um livro de História do Rio Grande do Norte para ele estudar para o concurso da Polícia Militar, dentre outros.

Assim sendo, tudo transcorreu de forma pacífica. Embora, seja necessário dizer que antes da polícia chegar à minha casa, o meu ex-professor de História de 1996, que também era policial, mas estava à paisana, um ex-professor de capoeira que eram meus vizinhos vieram na minha casa pedir para eu deixar meu pai sair com minha tia e eu disse a eles que iam matar meu pai, embora eu não soubesse quem era que ia fazer isso com ele. Contudo, é preciso dizer que numa tarde, antes desse fato, a psicóloga

e a enfermeira do Centro de Atenção Psicossocial vieram até minha casa falar o com meu pai. Só que eu praticamente não deixei ele conversar com elas, consequentemente elas foram embora no carro. Além disso, um amigo odontólogo e espírita e um amigo espírita e colega do Taekwondo visitavam a minha casa com frequência e davam conselhos para eu voltar a tomar o remédio passado pelo psiquiatra, isto é, um comprimido de 2mg da Risperidona. Porém, eu dizia a eles que não ia tomar porque não queria perder minha memória, pois tinha lido na bula que o psicotrópico causava disfunção na memória. Destarte, os dias foram se passando e o meu pai já era idoso e não aguentava o meu ritmo de dormir pouco, correr 6 km e conversar de forma prolixa e verborrágica com as pessoas que iam me visitar e eu aceitava a visita. Assim sendo, meu genitor planejou o meu internamento psiquiátrico no São Camilo. Para tanto, convenceu o meu amigo odontólogo e espírita e o meu amigo espírita e do Taekwondo a me levar para um passeio, com o objetivo de tomar banho de piscina e relaxar. Assim sendo, eu pensei que íamos para um hotel em Martins, curtir a vida, e coloquei uma sunga. Mas, quando pegamos o caminho para Mossoró, eu disse a eles que poderíamos nos divertir no SESC e eles concordaram comigo, além do mais, iam conosco um radialista espírita e de confiança, bem como, o meu ex-cunhado policial. Assim sendo, fomos para Mossoró.

Todavia, quando chegamos lá no carro do meu primo, que meu pai tinha solicitado a ele para fazer a empreitada, o odontólogo e o radialista desceram do carro em locais diferentes e disseram que mais tarde nos encontraríamos. Com isso, eu fiquei sozinho no banco de trás e meus camaradas policiais à paisana na frente. O companheiro do Taekwondo e policial era o motorista e eles seguiram caminho comigo dizendo que íamos tomar banho e nos divertir. Só que o plano maquiavélico do meu pai com seus colaboradores estava em ação. A minha irmã caçula tinha ido ao meu psiquiatra contar a minha situação e solicitar uma internação, quer dizer, pagou uma consulta sem minha presença e recebeu o encaminhamento do psiquiatra para me internar no hospital psiquiátrico de Mossoró-RN. Seguindo a nossa viagem, estranhei quando os meus camaradas pararam o carro em frente ao São Camilo de Lélis. Com isso, eu disse a eles dois que os mesmos tinham me traído. No entanto, eles contra-argumentaram e disseram que eu ficaria ali até o pôr do sol e depois viriam me pegar para voltar para Apodi. Quando terminamos de descer do carro, eles me conduziram até o pavilhão dos técnicos de enfermagem, eu acreditei na conversa deles mas, quando lá cheguei, os técnicos de enfermagem pediram que eu entregasse o meu anel de formatura aos meus camaradas. Só então caiu a ficha. Diante do contexto, eu disse a eles que vendessem o anel de formatura, que eu tinha comprado em 2010, à vista, por 800 reais e dessem aos pobres de Apodi, na forma de cestas básicas.

Assim sendo, eu fui pacífico e entrei para o setor dos doentes mentais graves e fiquei deitado no quarto dos recém-chegados, sob a vigilância e cuidados dos técnicos de enfermagem do São Camilo de Lélis. Nesse dia, me alimentei bem e passei o dia deitado numa cama, esperando os meus camaradas virem me buscar. No entanto, quando chegou à noite, eu percebi e confirmei, verdadeiramente, que eles tinham me ludibriado e, com isso, me conformei, pois já sabia como era o sistema hospitalar. Para mostrar liderança, procurei me impor diante dos outros pacientes, dizendo que era Faixa Marrom de Karatê e Faixa Verde em Taekwondo, para tanto, exibia alguns chutes, tais como: *mae geri jodan*, *mawashi geri jodan*, *yoko geri* etc. Com isso, consegui respeito com os demais pacientes para comigo, já que o ambiente era muito hostil em razão dos desequilíbrios mentais dos pacientes que tinham transtornos hereditários, bem como dos pacientes que tinham adoecido por causa de entorpecentes de mil e uma qualidade. Desse modo, levei uma vida tranquila no hospital psiquiátrico, inicialmente no setor mais complexo, ou seja, onde se encontravam os pacientes mais desajustados. Embora, meu psiquiatra, durante um atendimento, tenha me sugerido a transferência para o setor dos equilibrados, a princípio eu disse que não queria ir porque estava me sentindo bem ali. Assim, ele respeitou a minha decisão, embora tenha dito que eu me encaixava melhor no pavilhão dos mais tranquilos. Desse modo, na consulta com o psiquiatra, ele me perguntou como eu estava e em

que estava pensando. Ele fazia uma sabatina com o objetivo de me avaliar mentalmente. Então, eu dizia que estava bem, inclusive tinha feito amizade com uma técnica de enfermagem e que estava ensinando a ela a Lei de Malthus e suas ramificações, os desdobramentos do pensamento do autor, no que diz respeito aos seus contestadores, ou seja, os neomalthusianos e os reformistas.

Para tanto, eu lia as apostilas dela e explicava. A cidadã fazia o curso de Direito na Faculdade Mater Christi, em Mossoró-RN. Além do mais, um professor passou uma atividade para ela, que seria comparar uma frase (oração) de um jurista com outros pensadores, assim, ela me pediu para fazer esse trabalho da faculdade e citou a frase do intelectual do Direito e eu comparei e fiz explicações com Platão e Paulo Freire. Embora, não lembre mais a frase do pensador da Ciência Jurídica, eu me lembro de que citei a frase de Platão: *“nem tudo que é lei é justo, mas tudo que é justo, deveria ser lei”*. Também falei para ela que o patrono da educação brasileira tinha uma reflexão que dizia: *“quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é se tornar opressor”*. Com isso, eu e ela debatemos muito e fizemos o trabalho da faculdade. Contudo, é necessário dizer que foram durante várias sessões com o psiquiatra que essas histórias foram relatadas. Lembrando que, nós conversávamos apenas uma vez por semana, numa sala reservada para atendimento e avaliação dos pacientes.

Dessa maneira, o meu psiquiatra percebeu que eu tinha recuperado a minha memória intelectual e cancelou o uso da Risperidona para mim, assim, prescreveu o uso de Haloperidol, carbamazepina, Clonazepan e Biperideno. Assim sendo, eu tomava 3 Haldóis, 2 Tegretóis, 2 Rivotris, e 2 Akinetons, nos períodos matutinos, vespertinos e noturnos. Eu sei disso, porque perguntava aos técnicos de enfermagem como era o nome dos remédios que eu estava tomando e para que serviam. Com isso, fiquei sabendo tudo que estava tomando nos 33 dias de estadia no Hospício de Mossoró, visto que era consciente de quase tudo. Para exemplificar isso, basta eu dizer que eu sabia o dia que fui internado, assim como, contava os dias que se passavam, bem como, sabia os dias da semana, do primeiro dia até o trigésimo terceiro, ou seja, eu tinha uma memória intelectual efetiva, durante a passagem pelo hospital psiquiátrico. Para além do mais, depois dos 15 dias sem direito a receber visitas (normas institucionais para os recém-chegados), chegou o grande momento, ou seja, meu pai, minhas duas tias paternas, meu camarada do Taekwondo, minha prima e a minha ex-mulher formam me fazer uma visita no pavilhão destinado a essa atividade e, assim, conversei com todos, bem como, os beijava e abraçava muito, visto que a situação de vulnerabilidade era grande.

E nesse contexto, uma atitude simbólica me comoveu, isto é, minha ex-mulher levou um bolo de leite, um gesto que sinalizava o amor dela por mim.

Todavia, eu a cumprimentei com um aperto de mão, um beijo no rosto e não pedi para ela voltar para mim, já que estava apaixonado pela virgem do Ceará e também pela professora universitária. Além disso, minha família ficou feliz, pois eu estava bem consciente e conformado com a internação, uma vez que a medicação não estava prejudicando a minha memória intelectual. Dessa forma, eu dizia para meus familiares que ia fazer a faculdade de Direito e ser juiz já que, desta vez, eu estava com a memória boa e sabendo de tudo, ou seja, minha memória não foi apagada pelas medicações, assim eu estava feliz com minha recuperação psíquica e falava isso para meus familiares.

Assim sendo, eu pedi para meu pai pagar R\$50,00 (cinquenta reais) na cantina do hospício, já que eu tinha uma fome colossal e devorava a comida da cantina, além das três refeições e das frutas que minha irmã caçula ia deixar no hospital, conjuntamente com bolachas, bolos etc. O meu velho pai pagou para a mulher abusada da cantina os cinquenta reais para eu comer o que quisesse, só que ela queria controlar a quantidade de coisas que eu ia comprar por dia, então eu reclamei com ela e disse que eu tinha consciência dos meus direitos e que iria dizer a meu pai o que ela estava querendo fazer comigo. Dessa forma, ela se acovardou e eu fiquei no controle da situação. Contudo, é necessário dizer que todos os gastos que minha família teve comigo eram originados do meu aposento, ou seja, a minha aposentadoria bancou

despesas de gasolina, psiquiatra, mototáxi etc. Na medida em que minha irmã caçula ia deixar minhas merendas no hospício, o mototáxi e o lanche eram pagos com o dinheiro do meu aposento.

Por isso que a minha aposentadoria foi tão importante para minha sobrevivência, conjuntamente com a disponibilidade da minha família para me respaldar em tudo o que era necessário. A título de exemplificação, posso dizer que foram comprados calções, camisetas, toalhas etc. especificamente para minha estadia. Logo, posso dizer que fui muito bem assistido pelos meus familiares e parentes, sem falar nas pessoas próximas à minha família que ajudaram em situações tais como: o ato de dirigir o carro do meu primo pelo meu camarada do Taekwondo e policial. A minha luta era grande, mas Jesus colocou diversos anjos de carne e osso no meu caminho para me apoiar no momento mais difícil da minha história de vida. Destarte, os dias se passavam e meu psiquiatra disse que iria me liberar antes da Noite de Natal em virtude da minha ótima recuperação. Na ocasião, de forma despropositada, eu disse a ele que nunca colocasse Amplictil para eu tomar, haja vista que eu não me dava com essa medicação. Ou seja, ela causava disfunção na memória e impotência sexual. Assim pois, na quarta-feira seguinte, minha família não veio me visitar, desse modo, eu fiquei muito triste e resolvi fazer um protesto pacífico e corri do pavilhão de visitas para a sala onde as famílias esperam os pacientes em visitas extraoficiais.

Lembro-me de que a salinha era do tamanho de um banheiro, ou seja, era muito pequena. Então, eu disse que só sairia dali quando os meus pais viessem me visitar e com isso pedi para eles ligarem para meus pais virem de Apodi para Mossoró, no sentido de fazer a visita familiar. Para tanto, fiquei sentado num banco calmo e tranquilo, só que o tempo foi passando e eu comecei a sentir sede. Então, eles me deram água. Porém, pouco tempo depois de eu ter tomado a água que me trouxeram, senti uma leseira e falei que eles tinham colocado algo na minha água e disse a eles que como eu era Faixa Marrom em Karatê e Faixa Laranja em Taekwondo, eles me respeitassem em relação à minha reivindicação, pois eles não tinham capacidade de me dominar à força e que eu só queria ver minha família. Só que, lá no hospício, eles não aceitam protestos pacíficos, com isso, depois de um longo tempo, chegaram 6 técnicos de enfermagem, um colega de internamento psiquiátrico fortão e tinha uma faxineira na sala. Assim, o técnico de enfermagem grandão deu um pulo para cima de mim com os ombros, só que eu estava em pé no momento e já um pouco lesado, embora muito resistente. Diante desse contexto, começou a luta. Logo de início, depois do empurrão, eu caí e bati com a cabeça no banco, onde outrora, estava sentado. Mas, isso não foi suficiente para eu me render, então as oito pessoas na sala caíram em cima de mim e começaram a me enforçar e tapar minha boca para me fazer desmaiar, isso tudo, sob as orientações de um técnico de enfermagem que lutava

Jiu-jitsu pois, segundo ele, era a forma possível de me vencer.

Dessa forma, eu resistia bravamente contra os algozes da minha reivindicação pacifista. Só que, como eu não sabia lutar Vale Tudo, nem Jiu-jitsu, a coisa foi ficando difícil para mim, principalmente quando o técnico de enfermagem, que era lutador da arte suave, começou a dar dedadas nos meus olhos e apertar meu nariz até sangrar. Contudo, depois de uma longa luta, eu acabei tendo um pequeno desmaio, já que fui asfíxiado. No entanto, depois que acordei, eles me deram uma injeção de “sossega leão” e me conduziram para uma sala na qual eu tive os braços e pernas amarrados numa cama. Para exemplificar tal situação, basta eu dizer que fiquei semelhante a Jesus na cruz, no entanto, isso ocorreu no final da manhã e eu não tive direito a almoço. Já no jantar, vieram me dar papa, mas eu disse que queria “comida grosseira”, e a técnica de enfermagem dizia que não podia me dar, uma vez que havia o risco de eu engasgar. Contudo, quando eu sentia sede, um colega da cidade de Jucurutu trazia água da torneira para eu tomar, pois como eu estava no local dos loucos varridos, a água era da torneira. Embora, no setor dos mais conscientes tivesse bebedouro.

De tal forma, eu passei 24 horas amarrado e tomando medicação, lembro-me de que um psiquiatra que estava de plantão e que era amigo do meu médico prescreveu o Levomepromazina de 25 mg

para mim, com o objetivo de me acalmar, com isso, além dos remédios que eu vinha tomando, ele acrescentou mais esse. Tudo isso aconteceu porque eu não recebi visitas dos meus familiares e fiz um protesto pacífico. Assim, na manhã do dia seguinte, o meu colega de Jucurutu me desamarrou bem cedinho, ou seja, no clarear do dia. Eu estava tranquilo e sossegado, só que quando uma técnica de enfermagem me viu solto, falou desesperada para os colegas: — E agora?! Como vamos conter esse homem? — Então, a colega dela falou que tinha recebido ordem para me levar para o setor dos lúcidos e pegou na minha mão e fomos tranquilamente para lá, já que era o local onde eu me encontrava há algum tempo. Isso aconteceu em virtude da minha solicitação ao meu psiquiatra para me transferir para o local dos calmos, pois eu já estava cansado do barulho do lugar dos desequilibrados.

Neste momento, é preciso dizer que fiquei totalmente dopado com o comprimido de 25 mg de Neozine, por alguns dias. Mas quando o meu psiquiatra veio dar plantão e nos avaliar, ele retirou o Neozine, pois eu disse a ele que estava me sentindo grogue, dopado, cabeça vazia, com perda de memória, dificuldade para andar com equilíbrio etc. Com isso, a medicação voltou a ser a de antes e eu fiquei estável. Só que eu disse ao doutor que esperava que ele mantivesse a palavra de me dar alta no dia 23 de dezembro de 2012, consoante a promessa que ele me fez sobre passar o Natal com a minha família.

Então ele me disse que isso era complicado, visto que eu tinha apresentado um surto psicótico. E eu disse a ele que tinha feito um protesto pacífico por que a minha família não tinha vindo me visitar e os técnicos de enfermagem não tiveram competência para dialogar comigo com relação ao meu pleito e agiram com truculência. Ele, então, disse que ia pensar e depois me dava uma resposta sobre a minha alta psiquiátrica antes do Natal. Com isso, eu fiquei tranquilo e confiante na palavra dele e me socializando com todo mundo, como se nada tivesse acontecido. Embora eu percebesse que, tanto os funcionários quanto os colegas de hospício, haviam mudado o modo pelo qual se relacionavam comigo. O olhar atravessado e desconfiado deles era um sinal de que eles tinham perdido a confiança no meu bom comportamento hospitalar.

Para tanto, é indispensável mencionar que continuei agindo como sempre, ou seja, jogava fíres, dominó, baralho, assistia à televisão, pedalava na bicicleta e jogava um pouco de futsal para evitar contusão, já que os colegas eram brutos nas disputas de bola. Assim, me divertia na medida do possível. Além disso, participei das reuniões dos alcoólicos anônimos e dei contribuições, assim como participei da missa, do culto e da palestra espírita, bem como do show instrumental da banda de música mossoroense. Sendo assim, cada evento desses tinha um significado especial. No culto eu reencontrei um professor de Filosofia da UERN e me identifiquei como egresso, embora ele

não tenha sido meu professor, o docente era “do meu tempo da UERN”. Já no show da Banda de Mossoró, me deparei com dois apodienses que me trataram muito bem. Na missa eu não encontrei conhecidos para papear e, por último, posso dizer que o grande momento foi a palestra espírita, visto que o palestrante era meu irmão espírita e, depois de explanar os conteúdos, tivemos uma conversa particular na qual ele me deu uma palavra de refrigério emocional no que dizia respeito à minha situação.

Assim, eu fiquei muito feliz com o reencontro do irmão espírita, já que a palestra foi muito consoladora para nós, os internados. Desse modo, é preciso frisar que cada evento desses ocorria uma vez por mês no hospital psiquiátrico. Logo, era de suma importância para a nossa estadia naquela instituição. Porém, um pequeno grupo participava, com exceção da missa, que era sempre lotada. Assim, homens e mulheres se encontravam com a palavra de Deus, através daqueles homens filantrópicos. Além disso, a arte da banda de música era muito bem-vinda para nós, pois consistia num momento especial de prazer e lazer. Para além disso, se faz necessário dizer que tentei namorar com uma paciente muito bonita, mas ela me deu um fora, pois era casada. No entanto, eu conversava muito com ela durante os encontros dos homens com as mulheres e a mesma me confessou que, na primeira internação, ela namorou e traiu o marido, assim sendo, por mais que ela simpatizasse comigo, não iria repetir o erro do passado. Em uma

de nossas conversas, essa paciente me contou que a sua doença era a esquizofrenia e que o médico havia lhe dito que o problema dela era falsear a realidade.

Confesso-te, caro leitor, que eu lutei com todas as forças para conquistar aquela mulher e usei das mais diversas estratégias no intuito de lograr êxito na conquista romântica. Com isso, eu levava muitas uvas para ela com o objetivo de convencê-la a namorar-me. Porém, ela resistiu, embora me achasse, segundo ela mesma, “bonito, atraente e inteligente”. Em certa ocasião, nós representamos juntos uma peça teatral para todos os pacientes do hospital, ou seja, fizemos uma encenação sobre o Natal. Mas eu fiquei mudo na peça por ordem dos superiores, embora quisesse falar muito sobre o nascimento de Jesus e ela teve uma pequena fala, embora tivesse apresentado muita dificuldade para aprender a mensagem da peça teatral durante os ensaios, visto que a memória dela não funcionava muito bem para gravar informações.

Sendo assim, nós representamos a peça sobre o nascimento de Jesus para uma grande plateia de pacientes e funcionários. Como eu tinha feito apenas gestos com os braços e andado sobre o palco acenando, já que fui censurado pelos roteiristas do teatro amador, ela foi a protagonista e, com muita dificuldade, expressou algumas palavras acerca do nascimento de Jesus Cristo. Para tanto, nós dois estávamos com túnicas brancas, ou seja, trajados como personagens do pai e mãe de Jesus. Assim, na época,

eu pensei comigo mesmo: os funcionários do hospício não me deixaram falar com receio de eu fazer um discurso sobre Jesus. Uma vez que, como eu estava com minha memória intelectual recuperada, eles temiam meus posicionamentos no que diz respeito a Jesus Cristo, jáz que eu dizia que Jesus veio libertar o povo da opressão do sistema e, com isso, eles me calaram na peça teatral sem texto.

Para muito além disso, todos sabiam dos meus debates com a psicóloga prepotente do hospital. Ela dizia que sabia mais Filosofia do que eu porque tinha estudado muito na faculdade. Assim, eu dizia que, embora estivesse internado num hospício, eu sabia muito sobre Filosofia também. Contudo, para exemplificar os meus conhecimentos nos debates, bastava eu citar Platão, Aristóteles, Karl Marx e dizer que o primeiro defendia as ideias como inatas, o segundo argumentava que a matéria era captada pelos sentidos e o terceiro dizia que o motor da História era a luta de classe, assim como afirmava que a realidade era quem determinava a consciência. Com isso, ela citava os pensadores dela, conjuntamente com as ideias e citações deles e se achava superior. Contudo, eu dizia que estava ali para me tratar e não queria ser superior a ninguém, visto que todos nós somos iguais diante de Deus.

Dessa forma, os debates foram encerrados, já que eu não fiquei batendo de frente com ela e adotei uma postura defensiva e respeitosa, objetivando evitar o conflito intelectual com a psicóloga que se

achava o máximo. Ou seja, para ela, o conhecimento de Filosofia dela era superior ao meu, uma vez que eu era um simples paciente internado num hospício. Contudo, é fato que ela tinha muito conhecimento filosófico, embora eu não consiga me lembrar dos pensadores que ela citava e argumentava, pois eu estava tomando muitos remédios e não memorizava tudo que era debatido. Assim sendo, ficaram arquivados na minha memória somente os pensadores que eu citei nos colóquios com a psicóloga, com exceção de Platão e Aristóteles, pois ambos citamos. De tal forma, apesar de tudo, posso dizer que foi uma experiência fantástica, embora tenha sido desgastante para nossa relação, enquanto paciente e psicóloga, já que nasceu uma antipatia entre nós, ou seja, a relação ficou desgastada por um conflito de egos, no que se refere a quem era o maior detentor do conhecimento intelectual. Com isso, posso dizer que o tratamento psicológico foi prejudicado significativamente, embora ela tenha ajudado um pouco com meus traumas existenciais, pois me ouvia durante as sessões de psicologia e dava devolutivas profissionais.

Mas, é preciso frisar que nossos debates aconteceram nas horas vagas dela, assim como ocorreram no pavilhão dos lúcidos, diante dos colegas dela e dos meus companheiros de hospício. Além disso, numa terapia ocupacional matutina, a educadora física fez um círculo de pacientes sentados em suas cadeiras e aplicou uma dinâmica, ocasião na qual nos perguntou qual o animal que nós gostaríamos

ser e por quê. Então, o valentão, que era dependente químico, disse que gostaria de ser um Falcão, pois a ave voava alto e era um predador eficaz. Um outro falou que gostaria de ser um Leão, visto que era o rei da floresta, enquanto eu disse que preferia ser uma formiga, já que essa trabalhava o ano inteiro em equipe e simbolizava a humildade. Então, comecei a falar da metempsicose dos gregos na Antiguidade, visto que essa civilização acreditava que a alma do ser humano poderia voltar num corpo de um animal. Com isso, o valentão disse que eu estava falando demais e se retirou do recinto. No entanto, é preciso dizer que eu, o valentão e o amigo dele disputávamos a liderança do hospício no que se refere ao poder de coagir os demais, quer dizer, nós três determinávamos os demais pacientes, a saber: o programa de televisão a ser assistido era definido por nós três, dentre outras coisas.

Para salientar isso, basta eu citar uma luta às escondidas que tive com o amigo do valentão. Na ocasião, fechamos o quarto e fomos ao combate. Mas, eu deixei claro que não ia brigar de verdade e a nossa luta foi esportiva, ou seja, aplicando golpes suaves um no outro, uma luta na qual ele e eu analisamos o poder de combate um do outro. Assim, nos controlamos e não praticamos a violência diante de uma pequena plateia. Além do mais, um certo dia pela manhã, nós recebemos uma visita de uma professora da UERN, a mesma ensinava Nutrição no Curso de Enfermagem daquela instituição. Ela trouxe

os alunos para uma aula prática mas, logo que a vi, achei-a muito parecida com uma ex-professora de enfermagem e perguntei se elas eram irmãs, ao que prontamente a professora respondeu afirmativamente. Então, falei para ela que tinha feito dois minicursos com a irmã dela, em 2000, na UERN: Um sobre as drogas e o outro acerca do meio ambiente. Com isso, ela foi super atenciosa comigo e, assim, eu aproveitei a oportunidade e disse a ela que, quando eu estava no setor dos loucos varridos, os banheiros eram super nojentos e pedi que ela denunciasse isso para a sociedade pois, para mim, aquela situação feria os direitos humanos do cidadão.

Outra coisa que pedi a ela foi para dizer a irmã dela que eu gostaria que ela me trouxesse três livros para que eu pudesse estudar: *Teologia da Libertação*, de Leonardo Boff, *O Livros dos Mortos dos Egípcios* e *As Mil e Uma Noites dos árabes*. Assim, ela disse que ia dar o recado para a irmã. Contudo, apesar da minha ex-professora não ter aparecido com os livros que eu solicitei, eu ganhei a CLT dos anos de 1990, ou seja, a *Consolidação das Leis Trabalhistas*, embora tenha perdido a oportunidade de receber de presente um livro sobre a Revolução Industrial da biblioteca do hospício, haja vista que a funcionária da biblioteca disse que eu tinha que escolher um dos dois e, como eu planejava ser magistrado, escolhi a CLT. Dessa forma, os dias se passavam naquela instituição que tratava os doentes mentais, os dependentes químicos e os alcoólatras. E o Natal foi se aproximando e eu

perguntava a meu médico se ele iria ter a palavra de homem, ou seja, se iria me dar alta antes da noite de Natal, conforme havia prometido antes da minha reivindicação aos funcionários e da ação truculenta deles. Com isso, meu psiquiatra respondia de forma evasiva, dizendo apenas: — Vamos ver!

Então, passaram-se os dias, até que chegou o dia 23 de dezembro de 2012 e, quando eu perguntei aos técnicos de enfermagem se meu psiquiatra tinha autorizado a minha alta do hospital, eles disseram que sim. E logo entraram em contato com a minha família paterna e meu pai foi me buscar.

Lembro-me de que o meu genitor levou uma calça jeans, uma camisa de mangas compridas, meias e uma sapatilha para que eu pudesse sair arrumado daquela instituição, assim como, o sogro da minha irmã caçula providenciou um taxista parente dele para ir nos deixar no Sítio Córrego Apodi. Além disso, minha irmã caçula auxiliou o meu pai na compra dos medicamentos para que eu pudesse tomá-los em casa e, assim, veio a grande surpresa: o meu psiquiatra substituiu o Haloperidol pelo Cloridrato de Clorpromazina, isto é, o Amplictil que eu disse a ele, nos dias passados naquela instituição, que esse medicamento me causava impotência sexual e disfunção da memória. Todavia, manteve o Biperideno, o Clonazepam e o Carbamazepina, ou seja, as medicações que eu vinha tomando. Assim, eu disse ao meu pai que não iria tomar o Amplictil, pois esse remédio me fazia muito mal e eu não estava sendo

tratado com ele, ao longo dos 33 dias que passei naquela instituição.

Portanto, aquela situação inusitada da nova medicação causou grandes problemas, uma vez que como eu não tomei o Amplictil e não tinha o Haloperidol para controlar a minha patologia, o esquema de medicamentos ficou ineficaz apesar da minha pessoa ter tentado compensar com o Oxcarbamazepina. Todavia, não surtiu efeito e eu fiquei desequilibrado, ou seja, dormindo quase nada e querendo impor minhas vontades ao meu pai. Diante dessa situação, ele fretou um carro para me levar para o Sítio São Francisco, local onde morava a minha ex-mulher. Mas, quando chegou no Bairro Bacurau I, ele pediu para que eu fosse conversar com meu camarada dentista e espírita. Logo, entramos em contato via telefone e ele que veio prestar socorro ao meu velho pai.

Nos encontramos na estrada principal, já que não sabíamos, onde se localizava a casa do camarada pois, além do bairro ser grande, já passava das 22 horas. Nesse sentido, nosso irmão espírita conversou comigo e com o meu pai e me convenceu a ficar na casa dele aquela noite e meu pai voltou ao Sítio com o motorista e o carro fretado. Contudo, eles impediram a minha ida até a casa da minha ex-mulher. Logo, o meu objetivo de pedir desculpas a ela e pedir para ela voltar para mim não logrou êxito naquela noite. Então, fiquei na casa do irmão espírita com a sua mulher e filha. Conversei muito e tive dificuldade

para dormir, mesmo assim fui muito bem tratado pelo casal do Centro Espírita do qual eu fazia parte.

Quando amanheceu o dia, o nosso camarada foi me deixar na casa do meu genitor e me prometeu que iria na casa da minha ex-esposa fazer o possível para convencê-la a me perdoar e, por conseguinte, voltar para mim, visto que eu estava arrependido e a queria de volta. Nesse contexto, os dias e as noites daquele final de dezembro eram uma eternidade e, numa noite, eu disse a meu pai que ia pedir ajuda na Igreja dos Protestantes. Ele disse para eu não ir mas, como eu era teimoso, acabei indo para o culto. Quando cheguei na igreja evangélica da zona rural, eles estavam celebrando um culto, sendo que o dirigente da Congregação era meu primo segundo, então eu pedi ajuda a todos e mostrei o monte de remédios que estava tomando, mas que não resolviam a minha doença. Com isso, o dirigente me chamou à frente e disse que eu me ajoelhasse e aceitasse Jesus que eu seria curado daquela patologia mental. Logo eu fiz o que ele disse e, diante de todos, fiquei de joelhos e ele orou sobre minha cabeça, repreendeu os demônios que estavam me dominando e, logo em seguida, pediu para eu assistir ao culto sentado no banco. Porém, como eu não tinha paciência de ficar sentado, me retirei do recinto e voltei para casa do meu pai. Meu pai reclamou bastante por causa da minha atitude, mas eu não me importava, uma vez que eu estava desequilibrado e não me preocupava com a tal reputação, mas sim, com a volta da minha saúde.

E assim os dias foram se passando e meu genitor me levou para a casa da minha tia, pois objetivava receber o auxílio da família para cuidar de mim, uma vez que eu não queria dormir e queria ficar andando direto. Desse modo, como meu pai já tinha mais de sessenta anos, não aguentava o meu ritmo de desequilíbrio. Contudo, o meu camarada espírita já tinha ido falar com minha ex-esposa e sua família, assim, a surpresa aconteceu: ela veio até a casa da minha tia me ver e conceder o perdão pelo fato de eu tê-la abandonado por causa das minhas paixões platônicas pela virgem do Ceará e pela professora da UERN. Ela me levou na BIS para a casa dela numa manhã histórica e, assim que chegamos lá, fomos fazer amor e, com isso, eu relaxei um pouco, no que diz respeito a falta do Haldol/Haloperidol no controle da minha saúde. Eu não tomava o Haldol porque não tinha sido prescrito pelo meu psiquiatra, uma vez que ele resolveu substituir o Haloperidol pelo Amplictil, depois que eu passei 33 dias tomando 3 Haloperidóis por dia.

Dessa forma, podemos concluir que o meu psiquiatra achou que a minha reivindicação pela visita dos meus familiares foi um surto psicótico e, com isso, alterou o esquema medicamentoso abruptamente. Contudo, ele manteve a palavra de homem que eu tanto cobreí, ou seja, me liberou antes do Natal, mas alterou o sistema de remédios e isto, por sua vez, foi minha ruína temporária, já que a falta dos Haldóis no meu sistema sanguíneo me deixou impaciente

e descompensado. Nesse sentido, eu perturbei minha mãe para ela me levar para uma curandeira na cidade de São Pedro. Mamãe fretou um táxi e eu fiz a mala para ir passar um mês com ela, haja vista que, na cidade de Apodi, existe uma história que a curandeira tinha curado uma mulher que tinha enlouquecido. Logo, eu fui num domingo para a tal senhora em busca de solução para o meu problema.

Assim, depois de viajar de Apodi até a cidade de São Pedro, umas 4 ou 5 horas, enfim chegamos lá depois do almoço. Então, minha genitora conversou com ela em particular e logo após, a mulher abriu a sessão de desobsessão espiritual e disse que, no passado, umas pessoas que tinham inveja da minha família, bem como da minha inteligência, fizeram uma macumba para me enlouquecer. Mas, que eu não precisava me preocupar, pois a partir daquele momento ela iria cuidar de mim e desfazer aquele feitiço. Dessa forma, ela passou uns banhos para eu tomar com uns líquidos baianos, dentro de uns frascos de Santa Bárbara. E explicou que, através dos banhos e das orações dela eu iria me recuperar, segundo ela e seus protetores. Para tanto, eu mostrei a mala e disse que tinha ido para ficar com ela um mês completo, logo eu iria arcar com as despesas alimentares e outras que surgissem, mediante o meu aposento. Só que a curandeira contra-argumentou e falou que, naquele estado de desequilíbrio que eu estava, ela não iria cuidar de mim, pois eu iria dar muito trabalho a ela. Além disso, ela disse que já

estava numa idade avançada, ou seja, já tinha mais de sessenta anos. Com isso, nós voltamos para Apodi no táxi fretado por minha mãe. Chegamos à noite e, nessa viagem, minha genitora gastou quase duzentos reais entre o táxi, a curandeira e os produtos passados por ela para eu tomar os banhos durante um certo tempo.

Ao chegarmos em Apodi, a minha mãe foi para casa dela e eu fui para casa da minha ex-mulher adventista que, por sua vez, foi radicalmente contra essa viagem que eu fiz em busca da minha cura na casa da curandeira, na cidade de São Pedro, no agreste potiguar do Rio Grande do Norte. Para além do mais, os dias foram passando e eu não apresentava melhoras, assim, no domingo seguinte, eu fiz a mala e convenci meu pai e minha ex-esposa a irem me internar no São Camilo. Para isso, meu genitor, fretou um táxi por cem reais e fomos para o hospício naquela manhã de domingo. Quando lá chegamos, as atendedoras disseram que, mesmo eu estando descompensado, não poderiam me internar sem um aval de um psiquiatra. Com isso, nós voltamos para Apodi e minha ex-mulher e meu velho pai ficaram cuidando de mim noite e dia sem parar, visto que eu era muito rebelde e queria andar na rua para cima e para baixo. Mas, meu pai e minha ex-mulher me convenceram a ficar em casa, alegando que se eu fizesse isso, o povo da cidade iria destruir a minha imagem. Com isso, eu só saía de casa para caminhar 6 km pela manhã com eles e depois ficava em casa

fazendo as refeições, deitado numa rede, ouvindo música, jogando baralho, dominó, pintando etc.

Só que chegou um momento que, meu pai e minha ex-mulher agendaram uma consulta com meu psiquiatra. Já fazia 15 dias que eu tinha recebido alta do hospício, assim, era o prazo mínimo para o retorno ao psiquiatra. Com isso, eu arrumei a bolsa e disse à minha família que iria solicitar ao psiquiatra a minha internação no hospício e pedir que ele prescrevesse a medicação que eu tomei durante os 33 dias de internação psiquiátrica no São Camilo. Assim sendo, fomos ao consultório do doutor e, chegando lá, eu fui atendido com prioridade tendo em vista a minha inquietação. Dessa forma, nós três entramos no consultório do doutor e eu disse a ele que gostaria de ser internado no hospício novamente e que tinha trazido até a mala. Diante disso, o meu psiquiatra perguntou o que estava acontecendo, logo eu disse que tinha passado 33 dias tomando Biperideno, clonazepam, carbamazepina e Haloperidol. Mas, quando o psiquiatra me concedeu alta do hospício, fez uma mudança na minha medicação, na qual eu não aceitava, ou seja, o doutor tinha retirado o Haloperidol e colocado o cloridrato de clorpromazina, isto é, o Amplictil. Argumentei que essa medicação tinha causado disfunção na memória e impotência sexual, quando eu tinha tomado a mesma na crise psicótica de 2002 e, dessa forma, eu preferia ser internado e voltar a tomar a medicação que ele tinha prescrito e me estabilizado durante os 33 dias que eu

fiquei hospitalizado no São Camilo de Lélis, em 2012, na cidade de Mossoró-RN.

Assim, diante da minha argumentação e disponibilidade voluntária para ficar internado no hospício, o psiquiatra decidiu voltar com a medicação antiga, assim como disse que eu podia voltar para casa com minha ex-mulher e meu pai, pois minha atitude tinha convencido ele de que o esquema medicamentoso antigo era eficiente e eficaz para meu tratamento psiquiátrico. Dessa forma, voltei a tomar o Haloperidol/Haldol e os demais remédios antigos e, em poucos dias, eu estava equilibrado novamente.

Assim, a luta pela preservação da memória intelectual, assim como a manutenção da minha saúde física, mental e até a minha potência sexual foi alcançada mediante uma teimosia reivindicativa contra todos os que tentaram me submeter ao uso de medicações ineficientes, como o Amplictil/Cloridrato de Clorpromazina.



Meu nome é Osório de Lima Filho, sou natural de Apodi-RN. Filho de José e Maria, irmão de Suely e Suelya e pai de Lara Maria. Sou formado em História pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN, Mossoró-RN, em 2006. Além disso, sou especialista em História do Brasil pela Universidade Cândido Mendes, em 2017. Sou professor de História do Rio Grande do Norte e espírita convicto.

Contato: osoriodahistoria@gmail.com

paruna

ISBN 978-658510626-9



9

786585

106269